

# QUEBRANDO O SILÊNCIO

SINAIS  
DOS TEMPOS

Violência  
contra a mulher

ACABE  
AGORA  
COM ISSO





# ACABE AGORA COM ISSO

*É preciso quebrar o silêncio imposto pelos que abusam de crianças, mulheres e idosos*

**T**odos os dias, a mídia apresenta o terrível quadro da violência, a qual se espalha assustadoramente pelo mundo. As manchetes mostram: namorado mantém mulher em cárcere privado, por temer separação; marido ciumento mata mulher com arma de fogo; pais irresponsáveis deixam filhos trancados em casa e saem para beber e se divertir; filho sem escrúpulos deixa a mãe sem alimento e remédio, porque gastou o dinheiro da aposentadoria dela.

A violência se instaurou no seio das famílias, deixando marcas profundas nas gerações que são o futuro da nação. Crianças, mulheres e idosos são as principais vítimas de uma sociedade doente, sem regras e sem amor. A maioria teme denunciar o agressor por receio de agravar a situação.

O que fazer? Alguns países têm promulgado leis que favorecem os mais frágeis socialmente. A sociedade precisa diminuir a incidência desse terrível mal. Isso é também um dever moral de cada cidadão.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, a violência responde por aproximadamente 7% de todas as mortes de mulheres entre 15 e 44 anos, em todo o mundo. Em alguns países, até 69% das mulheres relatam terem sido agredidas fisicamente e até 47% declaram que sua primeira relação sexual foi forçada.

Alcoolismo, estresse na família, desemprego e problemas econômicos são geralmente o estopim da violência contra as crianças, incluindo maus-tratos.

Uma pesquisa realizada pela Sociedade Mundial de Vitimologia constatou que 23% das mulheres

brasileiras estão sujeitas à violência doméstica. O número foi averiguado a partir da pesquisa de violência doméstica em 138 mil mulheres de 54 países. Dos países pesquisados, o Brasil é o país que mais sofre com a violência doméstica.

Como um grito de alerta contra o abuso e a violência, diante desse quadro de dor e sofrimento, a Igreja Adventista do Sétimo Dia desenvolve anualmente a campanha educativa “Quebrando o Silêncio”, para orientar as vítimas na busca de ajuda dos órgãos competentes, quebrando assim o ciclo da violência.

Todos precisam abrir os olhos diante dos sinais da violência. Pais, não subestime as mudanças de comportamento de seus filhos – eles podem estar gritando por socorro. Filhos, prestem atenção a qualquer atitude diferente de seus pais idosos – eles podem estar sendo maltratados por seus cuidadores. Mulheres, falem e, se for preciso, gritem, mas não se deixem maltratar por qualquer outra pessoa. Quebrem o silêncio. Denunciem. Isso é um ato de amor para com vocês mesmas. Vocês merecem ser felizes.

A reação diante desse mal que destrói os lares e a sociedade deve partir de cada cidadão. Que cada leitor desta revista preparada com todo empenho e carinho participe dessa campanha. O grito de socorro vem do íntimo de milhares de vítimas: Acabe agora com isso.

.....  
 Wiliane S. Marroni é diretora da campanha “Quebrando o Silêncio” na América do Sul.

# Sumário

2 Editorial

4 Entrevista

6 Estatísticas

8 **SEGREDOS DESAFIADORES**  
O abuso sexual infantil é “um tiro no aparelho psíquico das crianças”.

12 **ABUSO SILENCIOSO**  
O abuso emocional funciona como uma lavagem cerebral.

16 **PASSATEMPO**  
Atividades para que você aprenda a se defender e a valorizar a paz.

18 **SUA FAMÍLIA PODE SER FELIZ**  
Fatores que contribuem para que a família seja estável.

24 **TODOS OS DIAS**  
O bullying é tema muito importante e deve despertar a atenção dos pais.



29 **PERDOAR OU NÃO PERDOAR**  
A questão é muito séria: quem não perdoa morre aos poucos.



21 **QUEBRANDO O SILÊNCIO**  
Um estudo de caso que pode abrir os olhos dos pais ou responsáveis.



26 **RESPEITO E DIGNIDADE**  
O idoso não pode ser visto como uma pedra no meio do caminho.

32 **PRECONCEITO, LEGISLAÇÃO E QUEBRA DO SILÊNCIO**  
Não tenha medo nem receio de conquistar sua dignidade.

34 **AJUDA**  
Sites, endereços e telefones para quem precisa de ajuda e orientação.



Edição Especial • 2010

Editor: Rubens S. Lessa

Chefe de Arte: Marcelo Souza

Projeto gráfico: Eduardo Olszewski

Foto de Capa: William de Moraes



CASA  
PUBLICADORA  
BRASILEIRA

Rodovia Estadual SP 127, km 106

Caixa Postal 34; CEP 18270-970 Tatuí, SP

Fone (15) 3205-8800 – Fax (15) 3205-8900

Site: [www.cpb.com.br](http://www.cpb.com.br)

Atendimento ao cliente: [sac@cpb.com.br](mailto:sac@cpb.com.br)

Redação: [redcpb@cpb.com.br](mailto:redcpb@cpb.com.br)

Diretor Geral: José Carlos de Lima

Diretor Financeiro: Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Gerente de Produção: Reitsner Martins

Gerente de Vendas: João Vicente Pereyra

Chefe de Expedição: Eduardo G. da Luz



Sinais dos Tempos é Marca Registrada no Instituto Nacional de Propriedade Industrial. Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução total ou parcial de matérias deste periódico sem autorização por escrito da Editora.

Tiragem: 20.000 exemplares.

12074/22344

# Ela não se calou

Maria da Penha é admirada por sua coragem, espírito de luta e iniciativa em favor das mulheres que sofrem agressão

A Igreja Adventista do Sétimo Dia desenvolve, há mais de 8 anos, uma campanha chamada Quebrando o Silêncio, contra a violência doméstica. A violência atinge crianças, idosos, mulheres e até mesmo homens. No entanto, os números indicam que a mulher é a grande vítima da violência. As mulheres – Marias, Teresas, Cristinas e tantas outras – derramam lágrimas silenciosas por causa do sofrimento que vem de um lugar inesperado: o próprio lar.

Foi, porém, uma dessas Marias que resolveu mudar a situação. Maria da Penha Fernandes, farmacêutica bioquímica, cearense, mãe de três filhas, paraplégica por causa de um tiro disparado pelo ex-marido, resolveu fazer a diferença. Ela foi vítima de duas tentativas de homicídio pelo então marido, o economista colombiano Marcos Antônio Heredia Viveros.

Nesta entrevista concedida à jornalista Márcia Ebinger, conheça um pouco sobre o perfil dessa mulher e sobre as conquistas que foram alcançadas graças à coragem que ela demonstrou.



## Quebrando o Silêncio: Quando e como conheceu seu ex-esposo? Ele sempre foi violento?

**Maria da Penha:** Eu estava fazendo pós-graduação na Universidade de São Paulo, quando conheci Marcos Antônio Viveros. Ele era uma pessoa querida por todos, afável, que agregava grupos. Nos primeiros anos de casamento, continuou sendo assim. Por ocasião do nascimento de minhas duas primeiras filhas, ele conseguiu a naturalização brasileira, e foi aí que comecei a ver sua verdadeira face.

## Qual foi sua reação?

Naquele momento, eu me perdi. É o que acontece com a maioria das mulheres: você conhece uma pessoa e, de repente, ela muda. É nessa hora que nos anulamos como pessoas e começamos a acreditar que estamos fazendo coisas erradas. Passamos a acreditar nas coisas que o agressor fala, como, por exemplo: “você não serve nem para ser uma dona de casa”. Comecei

a ter medo dos gritos, comecei a evitar fatos que ocasionavam aborrecimentos. Mesmo assim, não havia jeito porque as agressões começaram a ocorrer sem nenhuma causa, inclusive em minhas filhas. Aliás, é importante frisar que nada motiva uma agressão. Em uma relação a dois, deve haver diálogo e respeito mútuo.

## Alguns anos atrás, quando não havia legislação específica, como era a vida de uma mulher que sofria o que você sofreu?

Na verdade, não havia nada. Os conselhos eram “ruim com ele, pior sem ele”. A conversa naquele tempo era “se ele não bebe, não deixa faltar nada, não sai para a farra, então, você vai reclamar do quê? Só por ele ser nervoso?” Para a sociedade, um homem assim era considerado bom marido, tolerável.

## Como era o tratamento dado às mulheres agredidas?

Geralmente, quando as mulheres che-

gavam às delegacias, ouviam a frase: “O que a senhora fez para merecer isso?” As mulheres iam denunciar e eram humilhadas. Na época em que fui agredida (1983), não havia delegacia de apoio à mulher. Elas foram criadas em 1985. No meu caso, o agressor simulou um assalto e deu um tiro em mim, enquanto eu dormia. Por conta disso, fiquei paraplégica. Após quatro meses de internação, ele novamente tentou me matar por meio de uma descarga elétrica no chuveiro. Marcos foi julgado e condenado por duas vezes, e saiu do fórum em liberdade nas duas ocasiões. Foi uma frustração, uma revolta muito grande.

## A justiça era lenta nestes casos?

No meu caso, a primeira condenação aconteceu 8 anos depois do fato. Foi numa ocasião em que um movimento de mulheres estava se mobilizando na minha cidade, no Estado do Ceará. Depois disso, resolvi escrever o livro: *Sobrevivi, posso contar*. Coloquei no

livro o processo, o inquérito policial, as contradições dele e os questionamentos. Considero esse livro minha carta de alforria.

### **Como aconteceu a condenação do Brasil pela OEA em relação a esse assunto?**

Duas ONGs importantes – o Centro pela Justiça e o Direito Internacional (RJ) e o Comitê Latino-Americano em Defesa da Mulher (SP) – tomaram conhecimento da minha história através do livro que escrevi. As duas ONGs e eu denunciámos o Brasil junto à OEA (Organização dos Estados Americanos) pela negligência com que os agressores da mulher eram tratados aqui.

Baseada nisso, a OEA condenou o Brasil internacionalmente e deu metas para o país cumprir. O Brasil foi obrigado a concluir o inquérito do meu caso antes da prescrição. Teve que prender o agressor e mudar as leis brasileiras para que não se perpetuassem os casos de violência doméstica.

### **Como surgiu a Lei 11.340 – Lei Maria da Penha?**

A Presidência da República criou a secretaria de políticas, a qual convocou as ONGs que trabalhavam a questão da mulher. Organizou-se um consórcio de ONGs, com juristas, e todos os esforços foram envidados para que a mulher não visse impune o seu agressor.

Esse projeto de lei foi levado a vinte assembleias legislativas do país e foi modificado de acordo com a realidade de cada região. Em agosto de 2006, o Presidente da República sancionou a Lei 11.340 – Lei Maria da Penha. Essa lei tem a cara do que o país precisa em relação à mulher em todas as regiões.

### **Por que a lei recebeu o seu nome?**

O meu caso foi o primeiro a chegar à OEA sobre violência doméstica e, entre as recomendações que a organização

deu ao Brasil, constava a de que deveriam me dar uma reparação simbólica pelo que havia acontecido. Foi então que decidiram dar meu nome à lei.

### **Basicamente, o que mudou com a criação da Lei Maria da Penha?**

No passado, quando a mulher chegava a uma delegacia, as delegadas se sentiam impotentes, porque não tinham nada para fazer. No máximo, registravam a queixa, chamavam o agressor, conversavam com ele e pediam que não fizesse mais aquilo. O agressor prometia que iria se comportar bem e, quando voltava para casa, dava uma surra ainda maior na mulher.

Hoje, essa mulher pode sair de casa com a certidão dos filhos em mãos, chegar à delegacia, dizer que não tem condições de voltar para casa, e todas as medidas de proteção são dadas a ela. O agressor é retirado de casa e, se ele desobedecer a essa ordem, vai ser preso. Existe até prisão em flagrante para casos de violência doméstica.

### **Tem recebido retorno de mulheres beneficiadas pela lei?**

Sim, em todos os lugares que visito sempre há uma pessoa beneficiada pela lei. Nas comunidades mais carentes, as pessoas dizem: “Depois que meu vizinho foi preso, nunca mais meu marido bateu em mim.” As notícias circulam nas comunidades e as pessoas repensam suas condutas.

### **De que outras iniciativas você tem conhecimento de proteção à mulher?**

A própria lei determina a criação de casas-abrigo, que são locais sigilosos para onde a mulher agredida é encaminhada pelo juiz ou pela delegada. Ali, por um período, ela é acolhida com os filhos menores. Nesse período, são tomadas medidas de proteção que envolvem até uma possível mudança de

Estado. Também foram criados os Centros de Referência, onde toda mulher pode se inteirar dos seus direitos.

### **Em caso de agressão, qual é o primeiro passo que uma mulher deve dar?**

Deve ir à delegacia. Mas, se não se sentir segura para fazer isso, deve ir a um Centro de Referência para se conscientizar dos seus direitos.

### **O que é o Instituto Maria da Penha?**

É uma entidade que está sendo criada em parceria com a Universidade de Pernambuco. Com a ajuda de uma professora universitária, vamos tratar pedagogicamente de todos os itens da lei. Teremos projetos para visitar escolas, empresas, etc.

### **Como você lida com a questão dessa dor do passado?**

Superei tudo porque Deus não permitiu que minhas filhas ficassem órfãs de mãe. Quando senti que estava para morrer, pedi a Deus que me deixasse viva, não importando as condições, para poder cuidar delas. Acredito que esse seja o sentimento que move as mulheres quando pensam que os filhos correm o perigo de ficar na orfandade.

### **O que pensa da campanha “Quebrando o Silêncio”?**

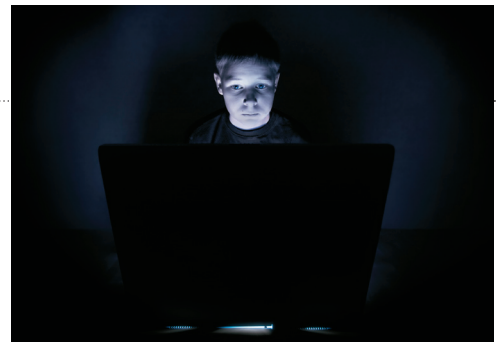
Ela é muito importante à medida que leva a informação a locais distantes por meio de materiais diversificados, que atendem a todos os públicos. A prevenção é o caminho. A lei prevê isso.

### **Deixe um recado para as mulheres que enfrentam o problema da violência e ainda não tiveram coragem de se manifestar.**

Você, mulher, precisa saber que tem o direito de viver sem violência. Por outro lado, como mães, precisamos educar bem nossos filhos. Precisamos criar uma cultura de paz no mundo, e a paz começa dentro da nossa casa. ■

## PANORAMA DO HORROR

- No mundo, uma em cada três mulheres já foi espancada, forçada a manter relações sexuais ou sofreu algum tipo de abuso, segundo informa a Anistia Internacional.
- O abuso sexual infantil está entre os 14 maiores riscos à saúde humana, de acordo com a OMS.
- Segundo dados da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República (SEDH), a cada oito minutos, um menor é abusado no Brasil.
- Pelo menos 140 mil homens são abusados sexualmente nas prisões dos Estados Unidos todos os anos. O problema é até mais comum em prisões de outros países como o Brasil, porém falta interesse geral para reverter o quadro.
- Alguns games ensinam a estuprar. O caso mais grave é o do jogo de computador Rapelay, criado por uma empresa japonesa. Nele, o jogador tem o objetivo de estuprar meninas, fotografá-las e fazê-las abortar.
- Mais de 100 mil meninos e meninas são vítimas de exploração sexual no mundo, segundo a OMS.
- Dados do Unicef apontam que, em todo o mundo, mais de 150 milhões de meninas e mais de 70 milhões de meninos já sofreram abuso.



## ABUSO ONLINE

Segundo o Conselho de Direitos Humanos da ONU, cerca de 750 mil predadores sexuais estão constantemente ligados à Internet em busca de menores. Eles entram em contato pela rede, conquistam a amizade, praticam o abuso à distância (verbalmente ou usando a webcam) e até marcam encontros em shoppings. A organização não governamental SaferNet Brasil recebe uma média diária de 500 denúncias de pornografia infantil.

Fonte: SaferNet



Campanha da SEDH.

## NA MIRA DA SOCIEDADE

Os abusadores estão com medo. Está cada vez mais fácil e seguro denunciá-los, seja pela internet, por telefone ou pessoalmente. Se você já sofreu abuso, ou sabe algo sobre abuso ou exploração sexual, mesmo em sua própria família, não pense duas vezes. Denuncie!

### Disque Denúncia 100

O número é mantido pela Secretaria dos Direitos Humanos do Governo Federal (Sedh). Sigilo garantido.

### Por e-mail

Outra forma de denunciar com sigilo, diretamente à Sedh. [disquedenuncia@sedh.gov.br](mailto:disquedenuncia@sedh.gov.br)

### Conselho Tutelar

Ligue para o telefone do Conselho Tutelar mais próximo, onde você pode receber ajuda valiosa.

### Disque 190

Há casos em que a ação deve ser imediata. Chame a polícia, antes que o pior aconteça.

### Delegacias / Delegacias virtuais

É possível denunciar e até mesmo processar abusadores, com total segurança pessoalmente ou pela internet, nas delegacias virtuais.

### Polícia Federal

Em menos de um minuto, você pode denunciar sites ou páginas de sites como o Orkut com conteúdo pornográfico infantil ou que afetem pessoas inocentes. Basta copiar o endereço do site (URL) e o colar na página criada pela Polícia Federal ([nightangel.dpf.gov.br](http://nightangel.dpf.gov.br)).

## ICEBERG DE LÁGRIMAS



Fonte: Organização Mundial da Saúde.



## ORKUT É PARA MAIORES

É comum encontrar crianças e adolescentes no Orkut e em outras redes sociais da Internet. Muitas vezes são os próprios pais que registram os filhos nelas. Porém, esses pais se esquecem de ler a parte nesses sites que diz: "somente para maiores de 18 anos". Para se ter uma ideia do perigo que se esconde atrás da tela, cerca de 90% das denúncias de pornografia infantil feitas à ONG SaferNet Brasil estão relacionadas a sites de relacionamento.

Fonte: SaferNet



## O DESAFIO DA IDADE

A população mundial está envelhecendo rapidamente, e a sociedade não está preparada para isso. Por volta de 2050, projeta-se uma população mundial de dois bilhões de idosos. Um dos maiores temores é o aumento da violência contra os idosos, seja ela física, emocional, financeira ou sexual. Dados da Organização Mundial da Saúde apontam que 1% e 10% dos idosos de países desenvolvidos sofram algum tipo de violência. Nos países pobres ou em desenvolvimento, as taxas são ainda maiores, porém, faltam pesquisas e políticas para reduzir o problema.

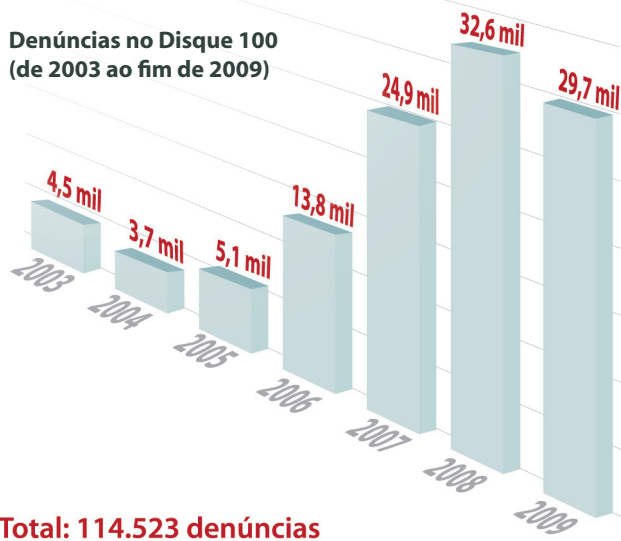
Fonte: OMS

Fotos: Shutterstock

## CHUVA DE DENÚNCIAS

Criado pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República (SEDH), o Disque Denúncia 100 tem obtido uma adesão cada vez maior da sociedade, desde sua criação em 2003 (veja o gráfico). O serviço funciona todos os dias das 8 às 22 horas (mesmo em domingos e feriados) e pode ser usado para denunciar qualquer tipo de violência contra menores.

Denúncias no Disque 100 (de 2003 ao fim de 2009)



Fonte: SEDH.

**Total: 114.523 denúncias**

Abuso sexual infantil

POR MARCOS BLANCO

# Segredos desafiadores

*Existe uma sequência de comportamentos que se pode observar nas vítimas*

Foto: Shutterstock



O que é abuso sexual infantil? Em termos gerais, considera-se abuso sexual infantil toda conduta em que um menor é usado como objeto sexual por parte de um adulto. É uma experiência traumática, sendo considerada pela vítima como um atentado contra sua integridade física e psicológica.

Vejam os testemunhos de uma mulher adulta que foi abusada quando criança: “Minha mente sabe que não foi minha culpa – foi a sociedade, com sua imundícia, que também é minha. Cresci com isso como se fosse parte de meu corpo; me vesti com isso, comi com isso, chorei com isso, dormi com isso. Parecia que eu jamais poderia me separar desse problema. Sem dúvida nenhuma, eu me sinto absolutamente só e extremamente má. Saber que fui usada machuca muito mais do que a dor física. Representa a morte da esperança.”

A palavra “abuso” não é suficientemente hedionda para descrever o que alguns adultos fazem contra as crianças. Pode-se considerar “abuso sexual” uma expressão desagradável, mas, certamente, não reflete a sordidez dos atos. Na realidade, alguns definem as consequências do abuso sexual infantil como “um tiro no aparelho psíquico das crianças”.

### Perfil do abusador

Embora seja difícil acreditar, as estatísticas internacionais apontam os pais biológicos como os principais responsáveis pelos abusos intra-familiares. Um estudo realizado em Buenos Aires, Argentina, entre 1989 e 1992, mostrou que os abusadores foram distribuídos assim:

- 42,5 % pais biológicos.
- 23,7% parentes próximos: tios, avós, irmãos, primos.
- 17,5% conhecidos não familiares.
- 13,8% padrastos.

Na maioria dos casos – 90 a 95% –, os abusadores são do sexo masculino. Devemos admitir que ignoramos a verdadeira magnitude do abuso praticado por mulheres, uma vez que é difícil desvendá-lo por meio das vítimas e pouco registrado pelas estatísticas.

### Dilema das vítimas

Existe uma sequência de comportamentos que se pode observar em crianças vítimas de abuso, denominada “Síndrome de acomodação ao abuso sexual infantil”. Cinco padrões de conduta aparecem na seguinte ordem:

**1. Segredo.** O segredo é uma das precondições para o abuso. O agressor precisa dele e não hesita em ameaçar a vítima. Procura fazer com que



### Características de personalidade associadas aos abusadores:

- Negação
- Excitação sexual com crianças
- Fantasias sexuais com crianças
- Distorções cognitivas para justificar ou autorizar intimidades sexuais (“Não causa dano. Se a criança faz tudo o que peço é porque ela gosta”)
- Relações sociais superficiais
- Incapacidade de entrar em empatia com a vítima
- Transtornos mentais associados: uso de drogas e depressão

ela acredite que a revelação dos fatos causará uma crise terrível e perigosa. Desse modo, a fonte de temor se transforma numa presa de segurança: se ficar calada, tudo correrá bem.

### Indicadores psicológicos específicos

- Atitude de submissão aberta
- Conduta agressiva com tendência a exteriorizar o conflito
- Comportamento pseudomaduro ou readaptado
- Indícios de atividades sexuais
- Jogos sexuais persistentes e inadequados com crianças da mesma idade, com brinquedos ou com seus próprios corpos, ou conduta sexualmente agressiva para com os demais
- Compreensão detalhada e imprópria para a idade sobre comportamentos sexuais (principalmente menores)
- Permanência prolongada na escola (chegar antes da hora e sair mais tarde), sem ausentismo
- Má relação com os pais e dificuldades para desenvolver amizades
- Desconfiança, especialmente com pessoas importantes
- Falta de participação em atividades escolares e sociais
- Dificuldade de concentração nos estudos
- Brusca diminuição de rendimento escolar
- Temor exacerbado em relação a homens (nos casos em que a vítima é menina e o abusador, um homem)
- Conduta sedutora com homens (nos casos em que a vítima é menina e o agressor, homem)
- Fugas do lar
- Transtornos do sono
- Conduta regressiva
- Retraimento
- Depressão clínica
- Ideação suicida

**2. Desproteção.** A lógica adulta espera que a criança resista ativamente ao abuso sexual. Caso contrário, as crianças costumam ficar paralizadas, mudas e, muitas vezes, sem ter certeza de que o fato aconteceu ou se tratou de um pesadelo. Quando o abuso acontece em sua própria cama, a criança faz que está dormindo, muda sua posição ou se cobre. A falta de autodefesa e o silêncio não significam que a vítima aceita ou desfruta o contato sexual. Representam o mecanismo de defesa mais comum diante do trauma: crer que a própria percepção dolorosa é imprecisa ou negá-la completamente.

**3. Acomodação.** Se o abuso se torna crônico, tem início a etapa em que a criança fica enredada, porque começam a funcionar os mecanismos de adaptação para se acomodar às demandas sexuais do adulto. Terminada a situação de abuso, a vítima volta à “normalidade”, dissociando de suas atividades normais o que experimentou durante a agressão. As crianças sentam-se caladas à mesa da família, retomam seus brinquedos e vão à escola. Para conseguir essa aparência de normalidade, entram em ação mecanismos de defesa que se caracterizam em manter as experiências traumáticas e os sentimentos associados a ela totalmente separados do restante dos hábitos diários. Todos esses mecanismos são considerados extremamente úteis para a sobrevivência na infância. No entanto, constituem grandes obstáculos para se conseguir a integração da personalidade adulta.

**4. Revelação tardia, conflitiva e nada convincente.** Em geral, o segredo raramente vem à tona fora do grupo familiar, pelo menos de forma espontânea. Muitas vezes essa revelação ocorre extemporaneamente, de modo conflitivo e nada convincente. Consequentemente, a versão tem pouco crédito, uma vez que a criança desenvolve problemas de personalidade.

**5. Negação.** Com a raiva e o desespero que motivaram a confissão, ficam subjacentes sentimentos de culpa pelo fato de a vítima acusar um parente e por não cumprir a obrigação de manter a família unida. Isso faz com que as crianças se arrependam de ter revelado o segredo.

### Indicadores

O principal indicador do abuso sexual é o relato feito pela criança. Sempre é importante crer na criança e em seu testemunho. Em estudos realizados, apenas 1 a 4% dos casos relatados por crianças são falsos. Na maioria dos casos, elas não inventam um abuso sexual.

Dependendo do estágio de experiência traumática que a criança enfrenta, os indicadores psicológicos têm características diferentes: no início do abuso, é mais frequente detectar sinais e sintomas relacionados com estresse pós-traumático, ao passo que, na fase crônica, se desenvolvem condutas associadas à síndrome de acomodação ao abuso reiterado.

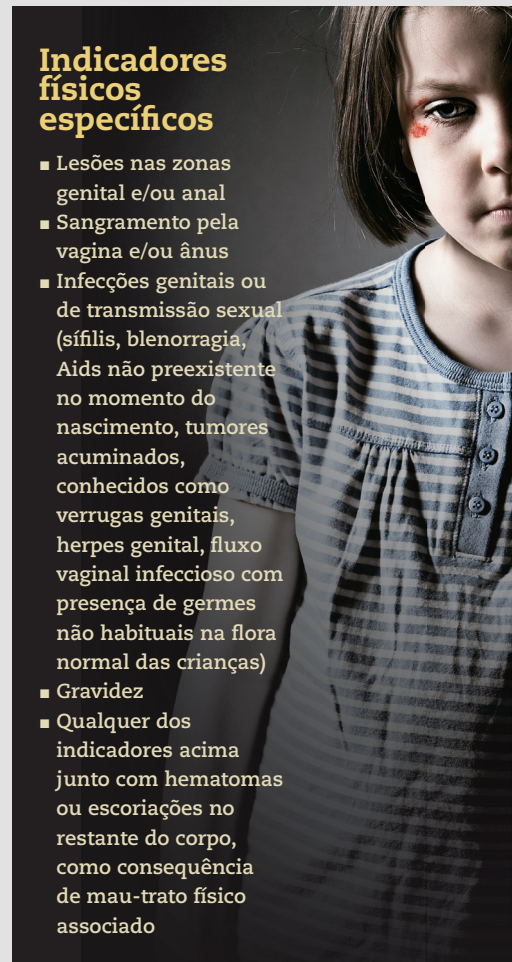
### Indicadores físicos específicos

- Lesões nas zonas genital e/ou anal
- Sangramento pela vagina e/ou ânus
- Infecções genitais ou de transmissão sexual (sífilis, blenorragia, Aids não preexistente no momento do nascimento, tumores acuminados, conhecidos como verrugas genitais, herpes genital, fluxo vaginal infeccioso com presença de germes não habituais na flora normal das crianças)
- Gravidez
- Qualquer dos indicadores acima junto com hematomas ou escoriações no restante do corpo, como consequência de mau-trato físico associado

### O que fazer em caso de suspeita

A primeira coisa mais importante, como já afirmamos, é acreditar no relato da criança. Em muitas ocasiões em que os indícios são fortes, é necessário interromper o contato entre a vítima e o agressor durante certo tempo, para que se faça uma avaliação sem pressões sobre o menor. Se a pessoa que detecta o abuso considera que a criança se acha em situação de alto risco e o adulto não tem elementos suficientes para intervir, deve-se procurar a justiça para informar e solicitar colaboração. Não é necessário advogado nessa fase. Qualquer cidadão pode fazer essas denúncias. ■

Marcos Blanco é redator-chefe da Casa Editora Sudamericana em Buenos Aires, Argentina.



## Números da violência

### Equador

- Dados conservadores indicam que ao menos quatro em cada dez crianças equatorianas entre 6 e 13 anos são abusadas sexualmente.
- O Equador se tornou um destino mundial de turismo sexual infantil.

### Estatísticas mundiais

- Uma entre quatro e seis mulheres e um entre sete e nove homens sofrem algum tipo de abuso sexual antes dos 18 anos.
- Em 2002, 150 milhões de meninas e 73 milhões de meninos abaixo de 18 anos foram vítimas de relações sexuais forçadas ou outras formas de violência física e sexual no mundo; mesmo assim, cada ano se eleva em 1,8 milhão o número de vítimas de maus-tratos com essa finalidade (Unicef, 2006).



Ilustração: Shutterstock

### Bolívia

- Seis em cada dez crianças e adolescentes sofrem maus-tratos no ambiente da família.
- Três deles são vítimas de abuso sexual no âmbito familiar, escolar ou no trabalho.
- Em 97% dos casos, a vítima de abuso sexual é uma menina ou adolescente abusado por parentes, padrastos ou pais.
- Estima-se que 350 mil meninas e adolescentes são explorados sexualmente com finalidades comerciais na Bolívia.

### Peru

- Cada dia, 13 casos de abuso sexual infantil são denunciados, com total de quase 5 mil casos anuais.
- Estima-se que 9.600 menores foram vítimas dessa exploração em 2006.

### Chile

- Durante 2008, houve 4.556 casos de abusos sexuais contra menores, o que significa 12 crianças vitimadas por dia.
- O delito que mais se comete é o abuso sexual entre menores abaixo de 14 anos.

### Brasil

- As crianças são vítimas em 69% dos casos de abuso sexual no Brasil.
- Em 2005, a cada oito minutos uma criança era vítima de um pedófilo: 67% eram vítimas de padrastos e 20% dos próprios pais.
- Quando o pedófilo é preso, de acordo com o artigo 213 do Código Penal, chega a ser condenado a seis ou, no máximo, dez anos de prisão; mas por bom comportamento é liberado depois de dois anos. É muito provável que logo volte a cometer o mesmo crime.

### Paraguai

- As poucas investigações que existem falam que de 71 e 75% das prostitutas sexuais de cidades como Assunção, Ciudad del Leste e Hernandarias são de menor idade.
- Quase todas são "iniciadas" nessa atividade entre os 12 e 13 anos de idade.

### Uruguai

- Diariamente, há 10 a 12 denúncias de abuso sexual contra menores.
- Oitenta por cento dos casos ocorrem no ambiente da família.

### Argentina

- Estatísticas conservadoras mostram que uma em cada cinco crianças e um em cada oito a dez rapazes sofreram abuso sexual antes de completar 18 anos.
- De 2006 a 2007, as denúncias diárias de abuso sexual infantil aumentaram 50%.

### América Latina: fenômeno ampliado

- Investigações feitas por organismos não governamentais mostram que 65% das crianças de rua nas capitais dos países da América Latina se envolvem, de um modo ou outro, em exploração sexual.
- Desses, 15% sobrevivem de contatos sexuais remunerados e 50% se envolvem de alguma forma na exploração sexual, embora não de forma sistemática.
- Segundo o UNICEF, na América Latina e no Caribe morrem 50 mil crianças anualmente por causas derivadas do abuso sexual.

# Abuso. *ssssilencioso*

*O abuso emocional é tão destruidor quanto o abuso físico*

**V**iolência doméstica e abuso podem acontecer com qualquer pessoa. Mesmo assim, quase sempre esse problema é negligenciado, desculpado ou negado. Isso é especialmente verdadeiro quando o abuso é psicológico, e não físico. O abuso emocional é frequentemente minimizado, apesar de deixar cicatrizes profundas e duradouras.

Normalmente, o abuso emocional é muito difícil de ser reconhecido, até mesmo pela própria

vítima, quanto mais por quem está à sua volta. Por acontecer de forma sutil, muitas vezes passa despercebido pelos familiares e amigos da vítima. Em geral, a vítima não pensa nem sente que o abuso é abuso, e vai se anestesiando em relação a ele. Essa forma de abuso afeta principalmente mulheres e crianças, não deixa mar-

cas roxas, cortes nem ossos quebrados, mas deixa cicatrizes psicológicas profundas, destrói a autoconfiança e autoestima da pessoa que vive o abuso e das crianças que estão à sua volta, marcando um padrão futuro de comportamento: nas meninas, de permitirem ser abusadas pelos companheiros, e nos meninos, de serem futuros abusadores, apesar do sofrimento vivido na infância...

O abuso emocional é definido como qualquer julgamento, não



importa a origem, que paralisa ou humilha uma pessoa, mantendo-a presa ao passado, ao mesmo tempo que o futuro só é visto através da perspectiva negativa do relacionamento abusivo. Quando está numa relação abusiva, o parceiro sempre se lembra daquilo que foi ruim, daquilo que o outro não fez certo, daquilo em que errou e afirma constantemente a incapacidade de fazer algo diferente do ruim.

O abuso emocional funciona como uma “lavagem cerebral” e a vítima aprende que tudo o que faz é errado, tudo é sua culpa, não sabe nem pode nada. Se as palavras do parceiro a fazem sentir-se pequena, sem valor ou humilhada, e se ele não a respeita nem leva em conta como você se sente, isso é abuso emocional. Mais importante ainda: isso é inaceitável.

Os relacionamentos abusivos são caracterizados por muito ciúme, negação da emoção, falta de intimidade, acessos de raiva, coerção sexual, infidelidade, ameaças, mentiras, promessas quebradas, jogos de poder e controle.

O abuso emocional é tão destruidor quanto o abuso físico, apesar de muito mais difícil de ser reconhecido. Por isso, também é difícil alguém se recuperar dele. Esse abuso é tipicamente alternado com declarações de amor e afirmações de que tudo vai mudar. Assim, o parceiro abusado fica “fsgado”, preso nas promessas que nunca se cumprem.

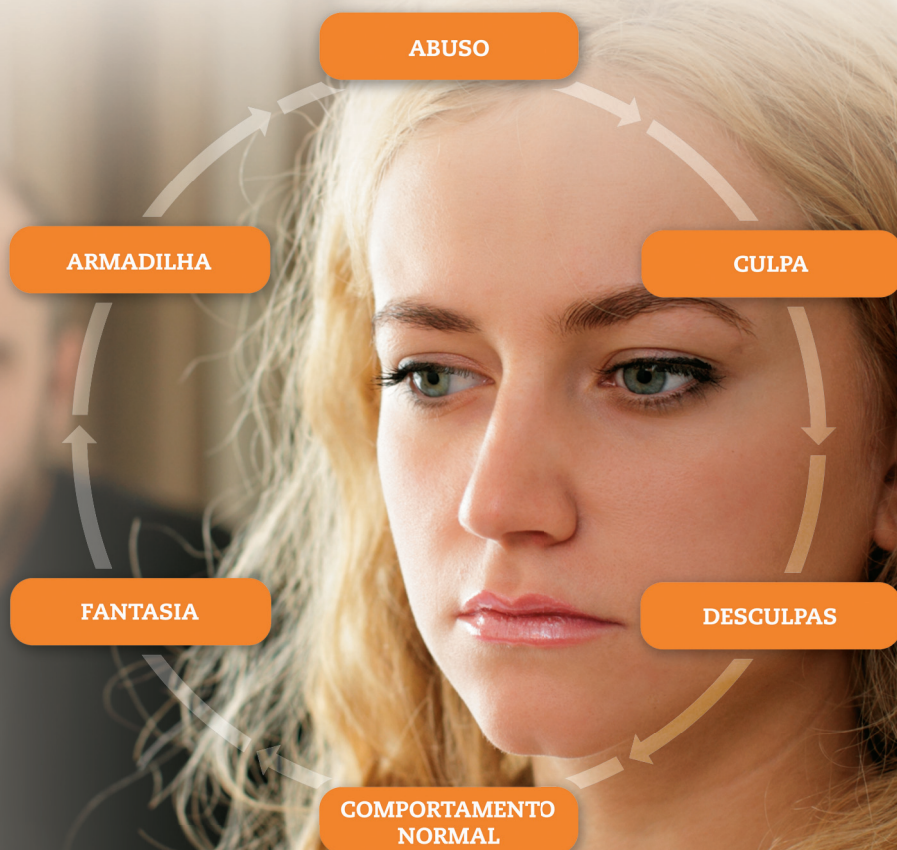
Os relacionamentos abusivos pioram com o tempo. O abuso emocional e o verbal mudam, com frequência, para ameaças mais abertas ou para o abuso físico, particularmente em períodos de *stress*. Os abusadores são carentes e controladores; o abuso se intensifica quando eles sentem que vão perder o parceiro ou quando o relacionamento acaba (75% das mortes violentas de mulheres ocorrem depois da separação).

Os abusadores agem a partir de fortes sentimentos de inadequação e vergonha de si mesmos, e querem inferiorizar seus parceiros para, desta forma, sentir-se melhores.

Até que você consiga reconhecer o abuso emocional e verbal, você continuará a sofrê-lo em sua vida, porque vai continuar a deixar que amigos, conhecidos e até estranhos a agridam de forma que a machuquem ou não levem em conta os seus sentimentos. Muitas vezes você até confunde ações abusivas contra você como realistas. Se você pensar: “Eles podem fazer isso porque é diferente para eles; não são assim tão ruins ou incapazes como eu” – isso é um julgamento abusivo. Qualquer julgamento que você faça sobre si mesma que negue sua habilidade para criar bons relacionamentos e uma vida positiva para você, é abusivo e errado.

## Ciclo do abuso

- **Abuso** – O parceiro agride com palavras, atitudes ou comportamentos agressivos e/ou que humilham. O abuso é um jogo de poder para mostrar “quem manda”.
- **Culpa** – Depois do abuso, o parceiro sente culpa, mas não pelo que fez. Ele está mais preocupado com a possibilidade de ser pego e com as consequências causadas pelo comportamento abusivo.
- **Comportamento “normal”** – O abusador faz de tudo para conseguir o controle novamente e manter a vítima no relacionamento. Ele pode agir como se nada tivesse acontecido, ou ele pode agir muito sedutoramente, jogando todo o seu charme sobre a parceira. Essa lua-de-mel, esse momento de doce paz, pode dar a esperança de que ele realmente mudou desta vez (quantas vezes isso já aconteceu?).



## Formas de abuso emocional

- Colocar para baixo, chamar nomes, fazer pensar que está louca, fazer jogos mentais.
- Ameaças de machucar física ou emocionalmente. Ameaças de divórcio, traição, suicídio, levar as crianças embora, contar a todos sobre intimidades.
- Deixar com medo através do olhar, gestos, voz alta, quebrar coisas, destruir propriedade, dirigir em alta velocidade.
- Ameaçar fazê-la de empregada. Tomar todas as grandes decisões, agir como “mestre da casa”, negligenciar responsabilidades com trabalho, cuidado dos filhos e responsabilidades da casa.
- Padrões abusivos de sedução. Forçar a fazer coisas contra sua vontade. Criticar performance sexual. Contar sobre relacionamentos fora da relação.
- Não deixar que você trabalhe ou atrapalhar seu trabalho, controlar seu acesso ao dinheiro, esconder investimentos.
- Controlar o que você faz, com quem sai, com quem se encontra, com quem fala. Negar acesso ao carro. Deliberadamente afastar dos seus contatos de apoio.

• **Fantasia e planejamento** – O abusador começa a fantasiar sobre a maneira de abusar novamente da parceira. Gasta muito tempo pensando sobre o que ela fez de errado, com quem ela anda conversando no celular e como ela vai pagar pelo mal feito. Então, ele planeja transformar a fantasia do abuso em realidade.

• **Armadilha** – O abusador fica à espreita e põe seu plano em ação, criando uma situação em que ele possa justificar o abuso.

### E o ciclo continua

As desculpas e gestos de amor entre os episódios tornam a situação muito difícil de ser mudada. Fica sempre a esperança da mudança, e com o tempo a pessoa abusada fica como que anestesiada, entendendo e aceitando que a relação funciona assim – para receber um pouco de amor e carinho, precisa se submeter a um período de dor e sofrimento. Ele faz a parceira acreditar que ela é tudo para ele, que

as coisas serão diferentes e que ele realmente a ama. Entretanto, o perigo de permanecer na relação existe e é bem real.

### Como você se recupera do abuso emocional?

**1.** Entenda que a mudança é inevitável e que você tem forças para fazer as mudanças que quer e precisa fazer. Com certeza, você não vai conseguir todas de uma só vez, porque até pode nem saber exatamente o que quer e precisa. Você pode começar a fazer uma ou outra pequena mudança para ver como se sente. Comece, talvez, a cuidar um pouco de você, sentar à mesa para tomar o café da manhã, fazer um exercício, tomar um banho gostoso e demorado.

**2.** Comece a reprogramar sua mente. Você pode esperar até que as coisas melhorem para começar a acreditar que elas vão melhorar; ou pode acelerar a marcha da sua recuperação começando a acreditar nas melhoras, independentemente das mudanças. Mesmo que o quadro continue o mesmo, ou tenha mudado muito pouco, a grande diferença será como você se sente a respeito dele. Sua atitude mental fará essa diferença.

**3.** Procure ajuda e apoio. Existem grupos de apoio, terapeutas, conselheiros, amigas e outros profissionais da saúde que entendem o quanto você está sofrendo e que poderão ajudá-la. Não se confunda: abuso emocional é violência doméstica, sim.

**4.** Procure informações. Você não é a única a estar nas mãos de um parceiro abusador. Alguns batem, outros não, mas todos se comportam de modo muito parecido. Todos dizem mais ou menos as mesmas coisas cruéis. Você logo vai perceber que, como todos trabalham com o mesmo *script*, o que eles dizem não é sobre você, mas sobre eles.

**5.** Comece a contar suas bênçãos. Sim, você passou por situações inimagináveis, dor e sofrimento que você não merecia. Sem dúvida alguma, você ainda está muito ferida, mas tem uma escolha. Você pode ficar olhando a dor, ou pode começar a olhar para as coisas pelas quais pode agradecer e celebrar. Até aqui o Senhor a protegeu – você está saindo dessa situação. Reserve um tempo no seu dia, pode ser a última coisa do seu dia. Seja agradecida a Deus pela saúde, pela saúde dos seus filhos, pelo sorriso de uma criança, por qualquer coisa boa que tenha acontecido no seu dia. Agradeça a Deus por um agrado recebido, pelo sol brilhante, a beleza de uma flor. Se você se comprometer a ser grata a Deus por dez bênçãos recebidas, você vai precisar procurar por elas. Ao criar esse hábito, verá quantas mais você vai encontrar.

Essas ideias são só um começo. Todas essas sugestões são para afastar você da sua dor, da sua mente de vítima para a conscientização de que é uma pessoa de valor e de que há muitas coisas para você conseguir e conquistar na vida. A jornada de recuperação do abuso emocional é uma jornada para longe do medo, da vergonha, da humilhação e da incapacidade para a crença em você e numa vida melhor para você e seus filhos. Você não sabe o que a aguarda no futuro, mas tenha certeza de que será muito, muito mais feliz do que você pode imaginar agora. ■

Cláudia Bruscağin é psicóloga e professora na PUC – SP.



Foto: Shutterstock

# Dicas de Leitura



## **Proibido Para Meninos Indispensável Para Meninas**

Este livro é para adolescentes que lidam com os conflitos comuns dessa fase da vida. Trata de questões delicadas como autoestima, escolha de amizades, relacionamentos amorosos, doenças sexualmente transmissíveis, entre outros assuntos relacionados a garotas.

Cód. 9097



## **Nova Chance**

Quando parece que tudo acabou, Deus ainda está com você. A autora nos lembra de que, quando tudo mais parece falhar, podemos ainda ter a certeza de que “nossa hora mais escura” pode ser o “momento mais importante para Deus”. Leia este livro e encontre segurança, encorajamento e esperança para enfrentar mais um dia.

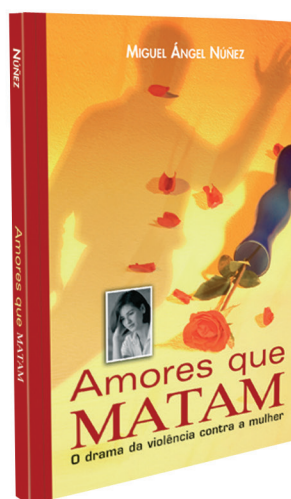
Cód. 10655



## **Menopausa**

De repente, a menopausa mostra seus sinais. O que fazer? Neste livro informativo e cativante, a Dra. Gilce Tolloto apresenta a resposta. Ela ressalta que o corpo feminino tem seu mecanismo de autoequilíbrio. Mas a mulher também pode fazer muita coisa para atravessar com serenidade essa fase difícil.

Cód. 10448



## **Amores que Matam**

Veja neste livro, de Miguel Ángel Núñez, questões como a violência doméstica, os mitos sobre o agressor e a mulher agredida, o ciclo da violência e o que fazer frente à agressão. Também explica como identificar um agressor.

Cód. 8150

Douglas Assunção / Imagem: Fotolia

Para adquirir, ligue: **0800-9790606\***  
ou acesse: **www.cpb.com.br.**

\*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h / Sexta, das 7h30 às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h.



# Chega de violência!

Violência não tem graça, mas aqui estão algumas atividades para que você descubra um pouco mais sobre esse assunto, saiba como se defender e valorize a paz

Word search grid containing various words related to violence and family types.

- Que pena!  
A violência está em toda parte. E podemos encontrar casos de agressão e abuso em:
- FAMÍLIA
    - Rica
    - Pobre
    - Religiosa
    - Não-religiosa
    - Tradicional
    - Não-convencional
- (Encontre no diagrama em que tipo de família podemos encontrar violência.)



► Onde há respeito, não há violência. Quem respeita não agride, não fere, não ofende. E toda pessoa merece ser respeitada: homem, mulher, jovem, criança, idoso, portador de limitações, gente de qualquer nação ou língua.

(Coloque as letras da palavra “respeitar” em cada um dos espaços vazios do exercício ao lado, de maneira que as nove letras possam ser encontradas em qualquer linha horizontal ou vertical e também nas divisões marcadas de 3 x 3.)

|   |   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|---|
| E | S |   | T | R | R |   |
| I |   | E | R | R | E |   |
|   | R | A |   | E | E | I |
| A | R |   | I |   | E | S |
| P | E |   | A | S |   | R |
| T |   |   | R | E |   | A |
|   | I | R |   |   | E | A |
| E |   |   | P | R | R | E |
|   |   | E |   | A |   | R |
|   |   |   |   | R | T | R |

Resp.:

|   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| S | P | E | A | R | I | T | A | R | E |
| E | A | T | P | R | I | S | E |   |   |
| R | I | S | R | E | P | A | E | I |   |
| P | R | E | S | T | E | V | A |   |   |
| T | R | S | R | E | P | A | E | I |   |
| U | R | I | A | E | S | T | R |   |   |
| A | R | E | T | I | R | P | E | S |   |
| N | A | S | P | E | E | I | T |   |   |
| I | T | E | R | R | E | S | P | A |   |
| E | S | P | I | T | A | R | E |   |   |

Ilustração: Iluminura



► E se alguém ultrapassar os limites e desrespeitar você ou alguém que você conhece? Você sabe o que fazer? Disque 100.

(Atravesse este painel de um 100 ao outro 100, fazendo as contas pedidas nos quadros.)

|     |      |      |      |      |      |      |      |     |
|-----|------|------|------|------|------|------|------|-----|
| 100 | +100 | +20  | -20  | -50  | +100 | -20  | -20  | 100 |
|     | -50  | -20  | +50  | +20  | +100 | +50  | -100 |     |
|     | -20  | -50  | -100 | +100 | -20  | -50  | -50  |     |
|     | +50  | +100 | +50  | +50  | +20  | -100 | +20  |     |
|     | -100 | +20  | -20  | -100 | -50  | -20  | +100 |     |

### Tipos de violência:

- \* Agressão Física
- \* Agressão Emocional (psicológica)
- \* Abuso Sexual
- \* Negligência
- \* Testemunhar cenas de violência

Resp.: O caminho a ser feito é: -20 +50 +100 -50 -20 +50 -20 -50



► E, finalmente, para promover uma vida sem violência, é importante aprender a perdoar as ofensas. Isso significa que, ainda que tenhamos passado por uma agressão terrível, não continuaremos o ciclo. Ele se encerra em nós, porque, no lugar da violência, o que queremos é um mundo de paz.

(Use o espaço abaixo para escrever, desenhar ou criar uma arte para promover a paz.)





# Sua família pode ser feliz

*Não há competição, violência e medo numa família bem estável*

Segundo o dicionário Aurélio, família é “o pai, a mãe e os filhos. Todas as pessoas do mesmo sangue.”

“Nas últimas décadas, esse quadro vem se transformando... A família moderna abriga agora não somente os filhos do próprio casal, como também os de suas outras uniões. Hoje, homossexuais que têm filhos de uma união heterossexual anterior os educam junto de seus pares. Solteiros que aceitam ter filhos sem a convivência do cônjuge, e o crescente número de jovens mães de 12, 13 anos configuram também os novos contornos familiares.”<sup>1</sup>

Elisabeth Roudinesco afirma que “a evolução na ordem familiar se distingue em três grandes períodos: na primeira fase, a família tradicional serve para assegurar, acima de tudo, a transmissão de um patrimônio; na segunda, a família moderna se torna receptáculo de uma lógica afetiva modelada; e, finalmente, a família contemporânea ou pós-moderna, que une dois indivíduos em busca de relações íntimas ou realização individual, sem que para isso seja necessária a união eterna”.<sup>2</sup>

Gina Valbão Strozzi Nicolau vê outro problema. “Com o amor no ‘centro’, ela

passou a ser, ao menos em princípio, um encontro de iguais e não uma relação díspar; é um laço emocional forjado e mantido com base em atração pessoal, sexualidade e emoção.”<sup>3</sup>

Hoje, a família tradicional enfrenta problemas, pois os filhos têm pouco ou quase nenhum contato com os pais. Segundo Hélio Fraga, são “filhos órfãos de pais vivos”.

“Há irmãos crescendo como verdadeiros estranhos, porque correm de um lado para o outro o dia inteiro – ginástica, natação, judô, balé, aula de música, curso de inglês, terapia, lição de piano, etc. – e só se encontram de passagem em casa, um chegando, o outro saindo. Não vivem juntos, não saem juntos, não conversam e, para verem os pais, quase é preciso marcar hora. Todos os membros da família ficam em seus quartos, com total liberdade e em total solidão.”<sup>4</sup>

### Abuso no ambiente da família

Diante desses problemas, em situações estressantes, onde os membros da família não encontram recursos em si mesmos ou no ambiente para encontrar o equilíbrio, não surpreendem os casos de violência, especialmente contra os mais frágeis, mulheres, crianças e idosos.

### Números da violência

No mundo, uma em cada três mulheres (um bilhão) é espancada, forçada a ter relações sexuais, ou abusada de alguma forma por alguém da sua própria família ou conhecido.<sup>5</sup> Uma em cada cinco mulheres será vítima de violação ou tentativa de violação na sua vida.

Segundo a Sociedade Mundial de Vitimologia, o Brasil é campeão da violência doméstica num *ranking* de 54 países. A cada 16 segundos, uma mulher é agredida por seu companheiro e 70% das mulheres assassinadas foram vítimas de seus próprios maridos.<sup>6</sup>

Pesquisa feita pela Fundação Perseu Abramo e divulgada no ano 2002 mostra que:

- 43% das mulheres foram vítimas de violência sexual.
- 33% de alguma forma de violência física.
- 24% de ameaças com armas ao cerceamento do direito de ir e vir.
- 22% de agressão propriamente dita.
- 13% de estupro conjugal ou abuso.
- 27% de violências psíquicas.
- 11% de assédio sexual.
- Somente 57% das mulheres brasileiras nunca sofreram qualquer tipo de violência por parte de algum homem.

### Violência contra a criança

Segundo o relatório Situação Mundial da Infância 2000 do UNICEF, cerca de 18 mil crianças, entre 7 e 14 anos, sofrem maus-tratos físicos todos os meses no Brasil.

O LACRI (Laboratório da Criança do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo) mostra, com base em dados coletados desde 1996, os seguintes números: violência física, 18.194; violência sexual, 4.336; violência psicológica, 8.437; negligência, 22.606.<sup>7</sup>

Os 50 mil casos de violência sexual contra crianças e adolescentes representam aproximadamente 10% dos casos, pois a maioria não é denunciada.<sup>8</sup> Quanto aos abusadores, 71,5% deles são pais biológicos, 11,1%, padrastos.<sup>9</sup>

### Violência contra idosos

Em 2008, somente em São Luís, a Delegacia de Proteção ao Idoso registrou 2.456 ocorrências. Do total, 42% das pessoas que praticam violência contra pessoas idosas são integrantes da família do idoso: 30%, filhos; 4%, netos; e 8%, outros parentes. Nos demais casos, a violência é praticada por instituições ou cuidadores.<sup>10</sup>

### Razão da violência

Segundo Suzana Braun, “os maus-tratos por meio de ações ou omissões são quase sempre ligados a fatores sociais, como desemprego, alcoolismo, drogas, exploração sexual, os quais podem ser fomentadores ou desencadeadores da violência doméstica”.<sup>11</sup> É por isso que as estatísticas mostram que a violência está presente em todas as classes sociais.

### Prevenção

Primeiramente, é preciso lembrar o propósito da família: educar os filhos para serem vencedores, bons cidadãos, bons pais e bons cristãos. Transmitir mais do que caracteres físicos ou herança de bens – transmitir valores e herança espiritual.

Entretanto, o lar só alcança esse objetivo quando o casal se ama e se respeita, e as crianças são alvo de atenção e cuidado. Quando as necessidades delas são atendidas, não existe brutalidade ou negligência. Quando a criança sente o amor dos pais, pode reconhecer as más intenções de um estranho, não sendo aliciada. Pode recorrer aos pais quando acuada, pois sabe que será ouvida e compreendida, e receberá cuidados redobrados.

Não fará amizade com pessoas estranhas, nem confiará em pretensos amigos encontrados ao acaso na internet ou próximos à escola. Pais que acompanham a criança sabem com quem ela se relaciona.

Homens e mulheres que foram vítimas de agressores no ambiente familiar ou fora dele na infância, quando buscam ajuda psicológica especializada para tratar seus traumas não reproduzirão a violência em seus lares. Contrariando as estatísticas, mulheres não se unirão a homens abusivos, mas usarão sua experiência negativa para uma sábia escolha. Foi o que aconteceu a Edilene.

## Um caso

Quando Edilene tinha três ou quatro anos, foi molestada por um vizinho, que a trancava em um quartinho nos fundos de sua casa. Enquanto estava lá, ela fixava os olhinhos no teto e tentava pensar em outra coisa. O medo era muito grande e se agravava ainda mais ao ela ouvir seu nome sendo chamado aos gritos pela mãe. Como não podia responder, sabia que ia apanhar e, para amedrontar ainda mais a menina, o vizinho afirmava: “Você vai apanhar e, se contar o que aconteceu, vai apanhar ainda mais.” Quando a menina voltava para casa, a mãe batia nela e a xingava.

Aos sete anos, precisou tomar antidepressivos, pois tinha constantes crises de choro. “Sempre tive medo da minha mãe e isso nos impediu de sermos amigas,” conta.

Depois de casada, por vários anos temia o esposo. Fazia tudo para ser perfeita e sentia-se infeliz. Isso continuou por algum tempo até que, um dia, ela “desabou”, entrando novamente em mais uma crise de depressão. Achava que sua vida não tinha sentido e resolveu buscar ajuda. Comprou livros sobre o assunto e resolveu enfrentar seus medos.

Hoje, continua casada, mas agora é feliz. Tem dois lindos meninos e é amiga da mãe. “Só Deus pode restaurar uma vida”, ela afirmou.

## Família estável e segura

Segundo Vera Lúcia Franco, há “pessoas tão importantes em nossa vida, cuja função é estruturar a base de nossa personalidade, a quem chamamos família – uma instituição tão antiga quanto o ser humano, que garantiu sua própria existência por atender às necessidades mais básicas da vida humana”.<sup>12</sup>

Uma vez que a família é tão importante para a própria sobrevivência, quais são os fatores que a tornam estável e segura?



Quando Deus instituiu a família no Jardim do Éden, fez do homem o cabeça do lar, e a mulher, sua ajudadora. Numa família em que o homem ama a esposa como a si mesmo e a esposa aceita essa liderança baseada no amor e interesse pelo seu melhor, não há competição, traição ou desconfiança. Em lugar de abuso e violência, haverá cortesia, doação e comprometimento, e isso redundará em felicidade.

Crianças que nascem em tal ambiente têm a vantagem da segurança e estabilidade das relações, pois pais que se amam dão amor aos filhos. A criança amada se sente protegida, segura e, portanto, com mais facilidade para desenvolver amizades confiáveis e mais capacidade para se desenvolver nos estudos.

Crianças amadas e protegidas pelos pais e que têm bom relacionamento com eles enxergam Deus nesse modelo e têm mais facilidade para desenvolver valores espirituais e de cidadania. Num ambiente assim, não há espaço para nenhum tipo de abuso contra alguém que é tão dependente e carente de cuidados e atenções.

Porém, para que esse quadro seja realidade, o casal precisa primeiramente buscar o amor em sua fonte. E a fonte do amor é Deus. A receita

da felicidade começa com Deus; por isso, os casais vão à igreja, diante do altar, pedir as bênçãos divinas para a sagrada união.

Quanto mais unidos a Deus, mais se unirão, e os frutos dessa união – os filhos – também serão mais unidos uns aos outros, bem como aos pais.

Os problemas nas famílias começam sempre que um ou ambos se afastam de Deus. Portanto, o lar pode ser um pedacinho do Céu na Terra, se a família buscar a Deus diariamente, orando, lendo as Escrituras juntos e tendo momentos para conversa e companheirismo. ■

Sônia Rigoli é educadora.

## REFERÊNCIAS

1. ISTO É online; Vera Lúcia Franco, *A Psicologia da Família*.
2. Elisabeth Roudinesco, *A Família em Desordem* (Editora Zahar: Rio de Janeiro, 2003).
3. Gina Valbão Strozzi Nicolau, *Família Moderna: Rupturas sem Dramas*. [www.teologica.br](http://www.teologica.br).
4. Texto atribuído a Hélio Fraga, jornalista em Belo Horizonte, MG (Rede SIVNet Telecomunicações LTDA), 8 de agosto de 2007.
5. E. L. Heise, M. Ellsberg, M. Gottemoeller, 1999.
6. Dados da ActionAid Brasil Rio de Janeiro, RJ, 2002.
7. Instituto de Psicologia – Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, LACRI, consultado em 10.11.2002.
8. Diretrizes nacionais para a política de atenção integral à infância e à adolescência, CONANDA, Ministério da Justiça, Brasília, 2001, p. 33.
9. Azevedo & Guerra, 1993; Cohen, 1993; Furniss, 1993, pesquisa realizada por Saffioti (1997) no Município de São Paulo sobre abuso incestuoso.
10. São Luís, 04/08/2009 – 08:37. *Idosos denunciam elevado número de violência na capital*, por Marcela Mendes, no jornal *O Imparcial*.
11. Suzana Braun, *A Violência Sexual Infantil na Família. Do silêncio à revelação do segredo* (Editora AGE Ltda.), 2002.
12. ISTO É online. Vera Lúcia Franco, *A Psicologia da Família*.

# Quebrando o silêncio

*Quando uma criança sofre violência sexual, algumas alterações de comportamento sinalizam que algo está errado*

**N**um dia comum de trabalho, fui informada de que na sala de espera havia um escrivão de polícia e uma policial que queriam falar comigo. Estranhei o fato e rapidamente fiz um balanço de minhas ações nos dias anteriores, revendo se eu havia descumprido alguma lei ou cometido algum delito que me fizesse ser “procurada pela polícia”. Ao verificar que nada havia de extraordinário em meu comportamento, fui ver do que se tratava.

Ambos queriam falar comigo em um lugar que não fosse a recepção da faculdade, onde costumo atender muitas pessoas durante o expediente. Encaminhei-me juntamente com eles para uma sala mais reservada e me dispus a ouvi-los. Apresentaram-se como policiais de uma delegacia próxima e vinham pedir ajuda para um caso muito delicado que havia chegado às mãos do delegado de plantão.



Uma jovem mãe havia procurado a delegacia para dar queixa de abuso sexual sofrido pela filha e o acusado era tio de segundo grau da menina. A criança tinha nove anos de idade e viera acompanhada da mãe e da avó materna. A queixa foi registrada, mas o delegado não se sentiu seguro para pautá-la com base no depoimento da garota, pois esta apresentava “algum problema”, segundo a observação dele. Daí o encaminhamento do caso para a faculdade de Psicologia do Centro Universitário de São Paulo, capital, que tem como responsabilidade social contribuir, no que for possível, com a comunidade local.

A menina, segundo o escrivão, era confusa no que falava, não completava as frases e desviava o olhar quando lhe perguntavam algo. Como acreditar nela? Como confiar em suas pala-

vas para validar uma queixa tão grave? Como incriminar uma pessoa da própria família?

Garza & Michel (1994) afirmam que 85% dos perpetradores de crimes sexuais são parentes ou indivíduos próximos da vítima. Abrapia (1997) diz que 57% dos casos são cometidos por pais biológicos, avôs, padrastos, vizinhos, irmãos e tios.

Esses dados são alarmantes, pois nos parece difícil imaginar que uma pessoa tão próxima seja capaz de um crime tão hediondo contra uma criança indefesa, mas a realidade é confirmada pelos fatos. Parentes e pessoas do convívio da criança são aquelas que têm mais acesso a elas e geram pouca desconfiança dos adultos ou cuidadores.

Geralmente, o abuso ou a violência sexual contra a criança acontece dentro de casa. Estudos realizados em Portugal (Almeida, 1999) dizem que é dentro de casa que os maus-tratos são mais frequentes e mais perigosos. No caso das crianças, a maioria dos crimes sexuais transcorre em ambiente privado, 70,5% dos casos, principalmente na residência da vítima. Ou ainda na casa de parentes próximos.

Segundo Drezett (2000), a maioria das vítimas encontrava-se em atividades cotidianas quando foram agredidas, isto é, as crianças estavam em casa e realizando atividades comuns como brincar, dormir, estudar ou simplesmente “estar em casa”. Que incoerência: o lar, que deveria ser o lugar mais seguro para os pequenos, é, no entanto, o mais vulnerável!

A menina não contara para a mãe o ocorrido, mas esta percebeu o comportamento alterado da criança, desconfiou que algo estava errado com a filha e foi investigar o que era. Depois

de algumas perguntas, a menina acabou contando que “o tio a havia machucado e que era para ela calar a boca”. O fato ocorrera duas noites antes, quando a menina dormia na casa da tia, juntamente com a avó.

Quando uma criança sofre violência sexual, algumas alterações de comportamento sinalizam que algo está errado. Comportamento sexualizado inapropriado, ansiedade, depressão, isolamento, queixas somáticas, problemas escolares, Transtorno de Estresse Pós-Traumático, comportamentos regressivos (enurese, encoprese, fazer xixi ou cocô de maneira inadequada, etc.), fuga de casa, comportamento auto-lesivo (quando se machuca de propósito, se morde, arranca cabelos) e ideação suicida poderão ser verificados e causam grande impacto na criança (Williams, 2002).

Ao verificar alguns desses sintomas, as devidas providências foram tomadas por aquela mãe, que procurou imediatamente a polícia, mas havia ainda outro obstáculo: a criança tinha significativo retardo mental. A própria mãe disse ter ficado em dúvida se acreditava na filha ou não, mas havia evidências claras da violência. A menina tinha escoriações e visíveis sinais de agressão sexual.

Seria impossível não acreditar nela, mesmo tendo um comprometimento tão severo, o que deixou ainda mais indignado o delegado de polícia. Abusar de uma criança é covardia, e ainda pior se a criança for portadora de alguma deficiência, o que a torna mais vulnerável, indefesa e sem condições de reagir.

O agressor se vale disso, põe em conta a fragilidade da vítima, pois quem lhe dará crédito? Estatísticas norte-americanas revelam que indivíduos portadores de deficiência mental são vítimas de abuso em maiores proporções do que as pesso-

as da população em geral (Strickler, 2001). Deficientes com dificuldades mentais, comportamentais ou múltiplas foram alvo de maior exposição a diferentes tipos de violência, afirmam alguns estudos. Estima-se que 50% dos deficientes mentais foram sexualmente abusados ao menos uma vez na vida, diz Drezett (2000).

No dia seguinte, após o encontro com o escrivão e a policial, recebi a mãe e a criança. A menina era bem desenvolvida para seus nove anos de idade. Com certeza, havia entrado precocemente na puberdade e tinha aparência de uma “quase mocinha”. Tinha o olhar perdido e, às vezes, o fixava em algo em minha sala. Uma gotinha de saliva insistia em “quase cair” de sua boca que ela não conseguia manter fechada; mal conseguia dizer seu nome e não sabia dizer quantos anos tinha.

A mãe me disse que ela era normal até os oito meses de idade, quando começou a ter ataques epiléticos. As convulsões foram tão intensas e frequentes que acabaram por provocar lesões irreversíveis, afetando o desenvolvimento da criança. Ela se tornou dependente, não conseguia realizar sequer pequenas tarefas. Sua fala era comprometida e tinha dificuldades para desenvolver um raciocínio lógico. Como eu poderia extrair a verdade daquela criança, a ponto de validar sua história contra o tio agressor?

Durante dois encontros, brincamos de casinha, boneca e escolinha. No terceiro dia, ela desenhou uma árvore bem grande e, ao lado, uma pequenina flor. Ao perguntar-lhe se aquela árvore tinha medo de alguma coisa, ela fixou os olhos em mim, aproximou-se e cochichou no meu ouvido dizendo que a árvore não tinha medo de nada mas ...“a florzinha tinha muito medo do tio dela, pois ele a machucara quando dormia na casa da avó...”. E contou detalha-

damente toda a cena do abuso, com uma clareza indiscutível.

Cheguei a ficar emocionada com a inocência daquela criança e pensei na responsabilidade de pais e cuidadores de estarem atentos para prevenir e proteger crianças tão especiais. Ser criança e ainda ser deficiente mental aumenta muito a possibilidade de se tornar vítima. No Brasil, existem poucos estudos sobre a violência na área da deficiência mental, enquanto que em países como Canadá e Estados Unidos isso já acontece há décadas.

É necessária a união de esforços de pais, educadores, pesquisadores e da comunidade em geral para desenvolver programas de atenção e proteção a essa população de alto risco. Desse modo, muitas crianças poderão ter preservada a sua integridade física, moral e psicológica.

Um relatório foi enviado ao delegado, o agressor foi preso e a criança participou de um programa de apoio às vítimas de abuso sexual. ■

.....  
Tércia Barbalho é psicóloga.

# Todos os dias

*O bullying causa sérios danos à personalidade da criança*

**R**aquel sempre gostou de estudar e aprender. Foi na escola que ela encontrou mais espaço para suas descobertas e reflexões. Contudo, a alegria de encontrar amigos e obter conhecimento cedeu lugar ao medo e nervosismo. Todos os dias, na saída das aulas e durante a ida para casa, a menina de 9 anos era perseguida por uma colega que zombava dela. Risadas, piadinhas e apelidos eram proferidos contra Raquel por causa de uma verruga no nariz.

Você já passou por situação semelhante? Ouviu piadas, zombarias, sofreu discriminação ou foi ridicularizado por colegas na escola simplesmente por ser diferente?

Embora pareça cena de filme ou livro, o fato é bem mais comum do que se imagina. O *bullying* é um tema mui-

to importante e deve despertar a atenção de pais e profissionais da área de saúde, como psicólogos e psiquiatras.

Uma pesquisa divulgada no início de 2009 pela organização não-governamental Internacional Plan, que atua em 66 países em defesa dos direitos da infância, apontou que 70% dos 12 mil estudantes entrevistados em seis Estados brasileiros afirmaram ter sido vítimas de violência escolar. Outros 84% desse total apontaram suas escolas como violentas.

O termo *bullying* surgiu nos Estados Unidos e se refere a *provocações, humilhações, agressões e isolamentos* praticados por um indivíduo ou um grupo de pessoas a outros. O nome

também pode ser utilizado para definir o mesmo tipo de comportamento quando ocorre com adultos dentro de empresas, mas a incidência do fato nas escolas é mais comum.

Para resolver o problema, Raquel pediu ajuda à mãe. Dona Cleusa levou a filha ao especialista, que, por meio da aplicação de medicamentos, retirou o motivo das zombarias: a verruga. Apesar de a história estar guardada na memória de Raquel, hoje a jornalista da Rede Novo Tempo de Comunicação não sofre com o que aconteceu. Ela superou as provocações e não desenvolveu nenhum trauma. Essa





atitude é diferente do comportamento da maioria das vítimas do *bullying*. Segundo psicólogos, o *bullying* é capaz de causar sérios danos ao desenvolvimento da personalidade e do caráter da criança, não importando se esta é a agredida e humilhada ou a que exerce o papel de tirano.

Segundo a psicoterapeuta Cristina Pizzarro, especializada em terapia infantil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Existencial do ISECENSA (Instituto Superior de Educação do Centro Educacional Nossa Senhora Auxiliadora), de Campos dos Goytacazes, o *bullying* pode gerar casos de depressão e de suicídio entre jovens que não recebem a tempo a devida orientação escolar ou familiar. Já os praticantes do *bullying*, de acordo com a psicóloga, “tornam-se, muitas vezes, adultos com atitudes violentas e anti-sociais, podendo adotar, inclusive, comportamentos delinquentes ou criminais”.

### Isso já acontecia!

A violência praticada por crianças ocorreu no passado; portanto, não é algo exclusivamente da vida moderna. Era deixada escondida e não se dava importância a isso. A situação mudou quando a imprensa de todo o mundo anunciou o assassinato de 15 adolescentes em Columbine, nos Estados Unidos, em 1999. Os estudantes Eric Harris e Dylan Klebold entraram no colégio armados e atiraram em alunos e professores. No incidente, 15 pessoas morreram e 24 foram feridas.

Investigações apontaram que Eric e Dylan sofriam agressões dos colegas e principalmente da equipe de esportes da escola, porque os alunos preferiam estudar a praticar exercícios, além de serem mais tímidos. Os agredidos começaram a arquitetar

um plano de vingança, ocasionando o massacre do dia 20 de abril. Até essa data, as consequências do *bullying* não causavam repercussão. Segundo especialistas, as pessoas que sofriam violência ficavam caladas, com medo de que a perseguição piorasse.

### Como identificar vítima e agressor

Nem sempre as consequências do *bullying* consistem em morte ou suicídio. Mesmo assim, tiram a tranquilidade das vítimas, fazendo com que as crianças agredidas tenham pesadelo, medo, apavoramento, dificuldades escolares e falta de sono. Depressão, baixa autoestima, ansiedade e abandono dos estudos são também alguns dos efeitos mais comuns na experiência das vítimas.

De certa forma, o *bullying* é uma prática de exclusão social cujos principais alvos costumam ser pessoas mais retraídas, inseguras. Essas características fazem com que elas não peçam ajuda e, em geral, se sintam desamparadas e encontram dificuldades de aceitação.

Além dos traços psicológicos, as vítimas desse tipo de agressão apresentam particularidades, como problemas com obesidade, estatura, deficiência física. As agressões podem ainda abordar aspectos culturais, étnicos e religiosos.

Os agressores são geralmente os líderes da turma, os mais populares – aqueles que gostam de colocar apelidos nos mais frágeis. Assim como as vítimas, eles também precisam de ajuda psicológica.

Cabe aos pais observar o comportamento dos filhos em casa e informar os professores, na escola. Mudanças bruscas de humor e queda no rendimento escolar podem ser sinais de alerta.

### Válvula de escape

A frustração de quem passa pela violência e de quem a comete vai se acumulando com o tempo e só serve para aumentar a agressividade. Por isso, a vítima de *bullying* pode se tornar um agressor. Jogos de videogame sobre *bullying* e *cyberbullying* podem se tornar o meio de extravasar a raiva. No jogo, o cenário de uma escola é reproduzido e a criança persegue e briga com os colegas, colocando-se no papel de “valentão”. Já na internet o agressor começa a xingar e perseguir outra pessoa, usando e-mail e redes de relacionamento.

A recomendação de especialistas é basicamente a mesma: observar o comportamento da criança, do adolescente ou do jovem e buscar ajuda profissional aos primeiros sinais. Esse auxílio, além de evitar problemas graves, pode possibilitar uma vida mais tranquila, segura e saudável tanto para as famílias quanto para a escola. ■

Betina Pinto, jornalista, trabalha na TV Novo Tempo.



# Respeito e dignidade

*Eles precisam de apoio da família, da sociedade e do governo*

**C**erta vez, na cidade de São Paulo, senti o impacto de uma palavra dita com ironia: “Sai da frente, velho.”

Numa esquina movimentada, eu havia reduzido a velocidade do carro para ver o nome da rua. Impaciente, o motorista do veículo que vinha atrás buzinou insistentemente e me ultrapassou, proferindo o elogio mencionado acima. Era um homem de uns quarenta anos de idade. No banco traseiro, havia duas ou três crianças.

Confesso que me senti magoado, pois foi a primeira vez que fui tratado dessa maneira. Minutos depois, refleti: “Sou velho, mas tenho saúde. Será que esse homem vai chegar à minha idade com a disposição que tenho para viver e trabalhar?” À noite, o sentimento de mágoa foi substituído pelo espírito de perdão e, antes de dormir, orei por aquele homem que não dera bom exemplo aos filhos.

Ao relembrar esse episódio, quero destacar o fato de que longevidade nem sempre atrai atenção e respeito. Viver muito é bom, mas a sociedade ainda vê o idoso como uma pedra no meio do caminho.

O Estatuto do Idoso (2003) afirma que “o envelhecimento é um direito personalíssimo”. Nesse aspecto, o Brasil está melhorando, pois a expectativa

de vida dos nascidos a partir de 2008 é de 72,8 anos, de acordo com o IBGE. Isso significa 3 anos, 2 meses e 12 dias a mais em relação aos nascidos em 1998.

Em nosso país, há 19 milhões de pessoas com 60 anos ou mais, o que representa 10% da população brasileira. Desse contingente, quase 6 milhões trabalham (30,9%). Os que estão acima de 70 anos e exercem atividade remunerada representam 18,4%.

Contudo, é importante observar que à medida que o envelhecimento populacional ocorre no mundo inteiro, a violência contra os idosos cresce.<sup>1</sup> Infelizmente, eles não são tratados com a dignidade prevista em lei. Marina da Cruz Silva, mestre em Psicologia Gerontológica pela Universidade Ertangen-Nürnberg, Alemanha, afirma que “a velhice não torna um ser humano menos ou mais importante que os demais cidadãos, porém o caráter débil e a falta de respeito aos direitos humanos e sociais no Brasil colocaram os idosos numa situação crítica”.<sup>2</sup> Se, por um lado, o aparato legal contempla os direitos sociais, por outro, a situação do idoso “desmistifica a letra morta da lei”.

## Luz no fim do túnel

A partir dos anos 70, apareceram as primeiras iniciativas governamentais

visando a dar alguma atenção à realidade do idoso. Até então, o trabalho pelos idosos era de natureza caritativa, realizado por entidades filantrópicas ou ordens religiosas. Depois de alguns passos tímidos, veio a Lei nº 8.842/94, que criou o Conselho Nacional do Idoso, responsável pela viabilização do convívio, integração e ocupação do idoso na sociedade.

Foi um passo e tanto, mas é necessário conjugar esforços das autoridades constituídas e da sociedade em todos os níveis, para que a letra da lei não fique apenas no papel. No artigo 3º das Disposições Preliminares, o Estatuto do Idoso diz: “É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.”

Às autoridades compete cumprir a lei, mas as ações não se restringem aos poderes públicos: compreendem, entre outras coisas, “atendimento do idoso por sua própria família, em detrimento do atendimento asilar, exceto dos que não possuem ou carecem de condições de manutenção da própria subsistência” (Parágrafo único do artigo 3º).

## Campo de batalha

As políticas públicas em favor dos idosos são indispensáveis, mas é no âmbito da família, acima de tudo, que os direitos deles precisam ser respeitados. No Brasil, mais de 90% das pessoas acima de 60 anos moram com parentes ou vivem em suas próprias casas. A maioria das queixas é contra os filhos, netos ou cônjuges, ao passo que 7% dos casos têm que ver com outros parentes.

As denúncias de abusos econômicos estão em primeiro lugar, vindo em segundo e terceiro, respectivamente, as de agressões físicas e de recusa dos familiares em dar proteção.

Os maus-tratos ocorrem em famílias de todos os níveis sociais, mas os abusos aumentam quando as famílias enfrentam problemas econômicos e desorganização social.

As formas mais comuns de abuso são: negligência (exclusão social e abandono); violação (dos deveres humanos, legais e médicos); privação (financeira, de escolhas e decisões). Os maus-tratos têm como fonte o isolamento social e o abandono na velhice.

No ambiente da família, as mulheres são proporcionalmente mais vítimas de abuso do que os homens. Já nas ruas, eles são o alvo preferencial.

Os idosos mais vulneráveis são os que têm limitação física ou mental: dificuldades de locomoção, incontinência, problemas de esquecimento, confusão mental, alterações no sono, etc. Às vezes, até mesmo pessoas contratadas para cuidar de um idoso cometem abuso. Por isso, os pais ou responsáveis precisam estar atentos.

Entre as consequências dos maus-tratos, estão as seguintes: depressão, alienação, desordem pós-traumática, sentimentos de culpa e negação das ocorrências e situações que levam os idosos a viver em desesperança. Segundo a American Medical Association,

entende-se por abuso “qualquer ato de comissão ou omissão que resulte em lesão ou ameaça de lesão à saúde e ao bem-estar de uma pessoa idosa”. O abuso pode ser físico, psicológico, sexual ou financeiro. Célia Afonso Gonçalves afirma que ele “pode ser intencional ou não intencional, ou resultar de negligência”.<sup>3</sup>

## Ação conjunta

Se, por um lado, os membros da família devem desincumbir-se da responsabilidade de cuidar dos que sofrem os efeitos da idade avançada, por outro, são necessárias algumas urgências para que os direitos do idoso não fiquem mofando no fundo do baú. Por exemplo:

1. Ampla divulgação do Estatuto do Idoso, que é dever governamental.
2. Implantação de serviços específicos de denúncia contra a violência. Márcia Florêncio revela: “É do segmento de pessoas com 60 a 75 anos que surgem as principais denúncias de maus-tratos. Nessa faixa etária, boa parte dos idosos é ativa física e intelectualmente, e dispõem de mais autonomia e condições de procurar ajuda.”<sup>4</sup>
3. Instalação de dispositivos e sinais em ruas e travessas das cidades.
4. Promoção de campanhas educativas sobre os direitos dos idosos.
5. Conscientização sobre a urgência na prestação de serviços ao idoso na área de saúde.

## Conclusão

O idoso precisa ser tratado com respeito e dignidade. Quando criança, foi paparicado pelos pais e parentes. Quando jovem, admirado por sua força. Quando adulto, participou no progresso de sua comunidade e, por isso, foi reconhecido pelas pessoas que o cercavam. Contudo, na velhice, fica sujeito a ser visto como uma

## FATORES DE RISCO PARA ABUSO DE IDOSOS

- idade avançada
- escassos recursos econômicos, sociais
- baixos rendimentos, precárias condições de salubridade
- isolamento social
- nível sócio-econômico reduzido
- baixo nível educacional
- debilidade funcional
- abuso de substâncias pelo prestador de cuidados ou pelo idoso
- alterações psicológicas e personalidade patológica
- história anterior de violência
- frustração ou exaustão do prestador de cuidados
- limitação cognitiva

(Adapt. de Swagerty DL Jr, Takahashi PY, Evans JM. Elder mistreatment. *Am Fam Physician* 1999 May 15; 59 (10): 2804-8).

pedra no caminho. Mas esse clima de indiferença e ingratidão precisa dar lugar a atitudes de solidariedade, respeito e cuidado. Não por mero dever, mas por amor e reconhecimento.

No Salmo 71:9, o poeta pediu a Deus: “Não me rejeites na minha velhice; quando me faltarem as forças, não me desampares.” Na sociedade egoísta em que vivemos, o desamparo para com os idosos é sinônimo de desamparo, solidão e esquecimento.

Você, leitor, pode fazer a diferença, tornando seu ambiente de ação um oásis para as pessoas cujas forças estão se esvaindo. Deus precisa de mãos humanas para amparar nossos velhinhos. Se nós as emprestarmos ao Altíssimo, eles recuperarão a alegria de viver. ■

Rubens Lessa é jornalista e escritor.

### REFERÊNCIAS

1. Márcia Virgínia Di Lorenzo Florêncio, “A violência contra o idoso: dimensão ética e política de uma problemática em ascensão”. Fonte: <http://www.fen.ufg.br/revista/v9/n3/v9n3a23.htm>
2. Marina da Cruz Silva, “Políticas sociais para a terceira idade no Brasil contemporâneo”. Fonte: <http://portaldovoluntario.org.br/blogs/54329/posts/233>
3. Célia Afonso Gonçalves, “Idosos: abuso e violência”. Fonte: <http://www.apmcg.pt/files/54/documentos/20070525191657760768.pdf>
4. Márcia Virgínia Di Lorenzo Florêncio, *ibid.*

**Coleção**  
**Entre Amigos**  
nosso amiguinho



**Uma coleção de novos amigos para você!**

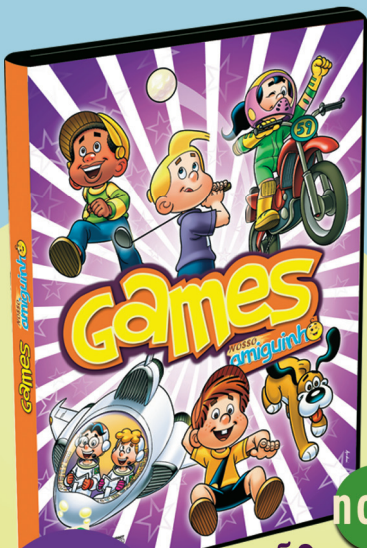


São 5 livros em capa dura, totalmente ilustrados, que vão apresentar a você desde amigos selvagens até o melhor Amigo, que é Jesus. São eles:

- Amigos Selvagens - Volume 1 (cód. 10418)
- Natureza Amiga - Volume 2 (cód. 10419)
- Amigos Célebres I - Volume 3 (cód. 10420)
- Amigos Célebres II - Volume 4 (cód. 10421)
- O Melhor Amigo - Volume 5 (cód. 10422)

**DVDs Nosso Amiguinho**

O novo DVD da turminha está um sucesso pelo Brasil



Cód. 11669

**NOVO**

**28** jogos e atividades

Diversão educativa para as crianças no mundo da informática.



Cód. DVD - Cazuza: 11501 - Cód. DVD - Azeitona: 11779

**NOVO**



Junto com o DVD tem uma nova miniatura da coleção **Noosso Amiguinho**



Cazuza

Azeitona

**Colecione**



Para adquirir, ligue: 0800-9790606 ou acesse: [www.cpb.com.br](http://www.cpb.com.br).

# Perdoar ou não perdoar: eis a questão

*O perdão é algo que precisa ser aprendido e desenvolvido*

**C**onheci uma menina que abortou com treze anos. Não consegue se perdoar.

Conheço também todas as pessoas cujos casos são mencionados a seguir. Um garoto insistiu com o pai para que fosse com ele a um teleférico. Na descida, um cabo se rompeu e o pai perdeu a vida. Uma mulher ficou viúva e, daí em diante, passou a odiar Deus. Outra traiu o esposo, engravidou, e agora só pensa em suicídio. Não consegue falar a verdade nem se perdoar. Um filho sofreu muito devido à separação dos pais e, até hoje, após 15 anos de divórcio, se culpa por tudo o que aconteceu. Chora e preferiria não ter nascido. Uma garota foi violentada e não consegue perdoar Deus. Um menino cresceu vendo a mãe apanhar do padrasto. Um dia, pegou um machado e acabou com todo o sofrimento dela. Ele está na cadeia e não se arrepende de nada.

Por mais tristes e dramáticos que sejam esses casos, nenhum é mais intenso e difícil que o nosso. Diante da mágoa, temos que, inevitavelmente, escolher perdoar ou não quem nos ofende, quem nos fere. Teorizar ou teologizar essa questão é mais fácil que vivê-la. Porém, por mais difícil que seja, precisamos tomar uma decisão: perdoar ou não perdoar.

# Questão 1

**O perdão é algo que deve ser aprendido e desenvolvido.** É uma das evidências da maturidade cristã e da maturidade do homem. É uma necessidade espiritual, emocional e social. Quando o assunto é perdão, estamos falando da obrigatoriedade de *recriar* relacionamentos destruídos pelos erros e pelas mágoas. É claro que essa obrigatoriedade é relativa. Perdoar tem um preço alto, e nem todos estão dispostos a pagar. Mas me lembro de uma frase cunhada por Derek Bok, ex-reitor e presidente da Harvard: “Se você acha que é cara a educação, experimente a ignorância.” Parafrazeando esse pensamento, diríamos: “Se você acha caro o perdão, experimente o não perdoar.” Por exemplo: Qual seria o preço de Jesus não nos perdoar? Pecadores eternos? Dívidas eternas? Derrota eterna? Qual seria o preço do não perdoar? Incalculável! Em nossos relacionamentos, sempre teremos que escolher o preço que desejamos pagar: o do perdão ou do não perdão. Mas teremos, inevitavelmente, um preço a pagar. Essa escolha é quase sempre muito difícil porque, em qualquer uma das decisões, haverá perdas e muita dor.

Lembro-me da história de uma mulher que escolheu o caminho do não perdão. Foi traída pelo marido e, embora percebesse seu arrependimento, não conseguia perdoar. O marido fez de tudo, pediu perdão, implorou, insistiu, mas só encontrou indiferença como resposta. Os anos se passaram, o marido desistiu e acabou casando-se novamente. Aqui está um trecho do depoimento da mulher traída: “Eu não podia perdoá-lo, ele

me machucou demais. Ele tinha que sentir a mesma dor que eu senti. Resolvi não perdoar porque ele não merecia. Ele destruiu nossos planos. Ele insistiu por dois anos para que voltássemos, até que desistiu. Desde que isso ocorreu, já se passaram sete anos. Um dia desses, entrei num supermercado e o vi. Ele estava com a atual esposa e os dois filhinhos. Eram uma família. Eles brincavam, sorriam e pareciam felizes. E eu estou aqui: sozinha, sem ninguém, perguntando-me como teria sido se tivesse perdoado meu marido...” Sem dúvida, o preço do não perdão é muito alto.

É claro que essa história poderia ter tido um desfecho diferente. A mulher poderia estar feliz com outra família e o ex-marido sofrendo até hoje pelo que fez. Esse final de história seria mais compatível com a lei da ação e consequência. Mas, quando a questão é perdão, não se trata de merecimento ou justiça, e sim, da graça. Perdão é oferecido para quem precisa e não para quem merece. O perdão é o único reagente eficaz para cicatrizar as feridas abertas pelas mágoas e violências que sofremos na vida.

# Questão 2

**Perdão não implica convívio.** Exemplificando: Se uma mulher é agredida fisicamente várias vezes ou torturada emocionalmente pelo marido, deve escolher o caminho do perdão, mas isso não implica, necessariamente, continuar convivendo com esse homem.

Algumas pessoas pensam que, se a pessoa perdoar, deve continu-

ar vivendo com o agressor, como se nada tivesse acontecido. Esse é o ideal, mas nem sempre é possível. Em alguns casos, é até errado e perigoso. Pode ser permissividade destruidora. Não se deve reforçar nenhum comportamento negativo. Não agimos assim com nossos filhos. Se eles erram, nós os perdoamos, mas exigimos que mudem de atitude. O mesmo princípio deve ser aplicado a qualquer relacionamento.

Para que haja convívio mínimo necessário, é preciso que o agressor:

1. Aceite a responsabilidade pelo ocorrido.
2. Expresse sincero pesar e arrependimento.
3. De alguma forma, ofereça compensação conveniente.
4. Prometa não repetir a conduta.
5. Peça perdão.

Você pode e deve perdoar seu cônjuge ou qualquer agressor, mas é evidente que se espere mudança de comportamento. Caso ela não aconteça, você deve perdoar e cicatrizar qualquer mágoa, mas também deve tomar atitude cuidando de você, de sua saúde física e emocional.

A mágoa deixa cicatrizes muito profundas. Com toda certeza, não é errado você se sentir magoado ou magoada. Ninguém é como uma pedra. A visão cristã compartilha da visão holística do ser humano: um ser completo, onde ideia, razão e sentimento estão interligados. Desse modo, cada um de nós tem a capacidade de se alegrar, entristecer, sorrir e chorar. Se alguém nos trai, ficamos tristes, nos magoamos, e isso é perfeitamente normal. Se sofremos um acidente e parte do nosso corpo é ferido, sentimos muita dor. Não é errado viver momentos de tristeza. Mas a mágoa pode sofrer mutação e se transformar em ressentimento, causando dano emocional. Ressentimento,

por definição, é o ato de sentir de novo. O indivíduo foi magoado e depois de quatro ou cinco anos ainda sente dor por causa do ocorrido. E lembre-se: “Rancor é um veneno que você toma esperando que o outro morra.” Isso nos destrói e nos impede de amadurecer emocionalmente e de viver socialmente em equilíbrio.

## Questão 3

***O perdão tem muito mais que ver com o que Deus fez por mim do que o que as pessoas fizeram contra mim. Quando tenho que***

tomar a decisão de perdoar ou não meu agressor físico ou emocional, à questão maior a ser considerada é o que Jesus fez por mim e não a minha dor. Quando olho para o tamanho do perdão que recebi de Deus, eu me constranjo ao não oferecer perdão a quem me fere.

Sou pai e garanto a você que nunca trocaria meu filho por nenhuma pessoa deste mundo. Não o ofereceria como holocausto mesmo que fosse para salvar centenas de pessoas. Acho que nenhum pai faria isso. Mas Deus fez. Ele entregou o objeto supremo do Seu amor. Entregou o que o Céu tinha de melhor, Seu Filho, Seu único Filho. Só existe uma lógica capaz de explicar a razão de um pai entregar o filho como sacrifício: o amor. “Deus amou o mundo de tal maneira que deu Seu único Filho, para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:16).

Quando você se sentir magoado, quando a dor for maior que a razão, quando você tiver certeza de que o ofensor não merece sequer seu mais rápido pensamento, lembre-se de tudo o que Deus fez por você. Ele também perdoou você (Ele faz isso todos os dias) e, contra a lógica deste mundo, continua amando você.

Quando perdoamos alguém, reverberamos o amor de Deus na vida dos outros. Refletimos o caráter dEle nesses momentos de dor e tristeza. Mas garanto uma coisa a você: perdoar custa muito menos que o ressentimento e a mágoa. A liberdade emocional e espiritual que você quer e precisa só é encontrada no perdão. Assim, a questão não é perdoar ou não perdoar, e sim, perdoar ou morrer aos poucos. Eis a questão! ■

.....  
Ivan Saraíva é diretor da Escola Bíblica da TV Novo Tempo, em Jacaréí, SP.



# Preconceito, legislação e quebra do silêncio

Há legislação suficiente para justificar quaisquer atitudes contra a violência

No início da minha carreira, trabalhei como advogado na assistência judiciária (advocacia gratuita) da Ordem dos Advogados. Era o dia do meu plantão e algo inusitado aconteceu. Trabalhávamos, entre outras coisas, com muitos casos de violência doméstica, de todos os tipos, mas aquele caso é digno de ser lembrado.

Tratava-se de um homem que chegou bem desconfiado. A secretária informou que ele só aceitaria ser atendido por mim. Não que ele me conhecesse, mas queria ser atendido por um homem, pois três colegas de atendimento eram mulheres.

Achei estranho, mas aceitei, pois, quando as pessoas procuram um advogado, muitas vezes já estão emocionalmente fragilizadas. Ele se aproximou e foi direto ao assunto: “Doutor, estou com um problema sério.” Depois de mostrar alguns hematomas, informou que era espancado

frequentemente pela esposa. Tive vontade de rir (postura de um advogado jovem e inexperiente). Minhas colegas reagiram da mesma forma (as mesas ficavam na mesma sala).

Ele percebeu nosso deplorável preconceito, mas suas lágrimas de vergonha foram a maior lição da minha vida. A violência dói demais e a vergonha que ela gera dói mais ainda. Respirei fundo, repreendi a mim em pensamento e às minhas colegas com um olhar não muito agradável. Depois de um pouco de atenção verdadeira, recobrei a confiança daquele frágil cliente.

O problema dele foi resolvido. Até hoje, ele nutre grande gratidão à nossa antiga equipe, mas, na verdade, ele é que merece nossa gratidão, pois nos ensinou que para quebrar o silêncio não é preciso ter só coragem. É preciso quebrar não só o preconceito pessoal, mas também o preconceito das autoridades e semelhantes.

## Avanço

A legislação brasileira tem avançado muito no aspecto de proteção das minorias ou partes socialmente frágeis. Há o Estatuto da Criança e do Adolescente, que foi um grande avanço. Tive contato e estudei com os autores do Anteprojeto do Estatuto, e grande parte dos objetivos já foi alcançada. No mesmo sentido, está o Estatuto do Idoso, que protege o outro extremo. Finalmente, não mais ligada à idade, mas ao gênero, está a Lei Maria da Penha, que visa a coibir a violência contra a mulher. Todavia, mesmo que nenhuma dessas leis existisse, a Constituição não só do Brasil, mas de quase todos os países, já seria suficiente para coibir qualquer tipo de violência.

Qual seria, então, o problema? O que dificulta a efetividade dessas leis? Onde está o elo perdido que ligaria os comandos da lei ao verdadeiro ces-



sar da violência? A resposta está com dois grupos de pessoas: as vítimas e os omissos. Ambos “culpados”.

**Omissos.** Tem-se a ilusão de que a violência contra outra pessoa é problema exclusivamente dela. Grande engano! Muitas vezes, o vizinho que espanca esposa e filhos é simplesmente ignorado. A criança que é abusada e exposta não tem qualquer efeito sobre a vida da professora. Os filhos que abandonam pais descuidados “sabem o que fazem”. O médico atende uma adolescente violentada, mas sua responsabilidade é restrita ao ferimento físico. A mãe respeita o pai que ultrapassa os limites e causa ferimentos graves ao corrigir os filhos. Extensa seria a lista dos omissos, mas o leitor pode expandir a partir de sua própria experiência.

No entanto, a violência atinge a todos. A maioria dos casos de omissão é punível pela lei. Todavia, a maior consequência não é de natureza legal, mas social. A impunidade experimentada pelos agressores cria uma conjuntura de medo e repressão. Nenhum preconceito que justifique a omissão deve inibir a atitude correta diante da violência.

É essencial que se quebrem os paradigmas de uma sociedade preconceituosa e se entenda que a privacidade, o pátrio poder, o respeito à individualidade, o sigilo solicitado pelo agredido ou o simples fato de não mensurar qualquer relação da violência com a vida própria não deve ser desculpa para a omissão. Lembre-se de que a violência é problema de todos, pois fere não uma pessoa apenas, mas a dignidade humana, que precisa ser defendida não só pela Constituição, mas por todo cidadão. Muitos morreram para que entendêssemos o dever de não silenciar diante da violência.

**Vítimas.** Por incrível que pareça, a maioria das vítimas não admite essa condição. Muitas se condicionam à agressão e pensam que isso é “normal”. Comecei este artigo contando o caso de um homem que foi violentado pela esposa durante anos. Ele teve que vencer um preconceito pessoal e social para buscar ajuda. Felizmente, rompeu seus falsos paradigmas e reconquistou a dignidade.

Se quem lê este artigo é vítima, vença o medo e o preconceito. A vida tem muito valor para que você a entregue a um agressor. Pode ser que o agressor respeite sua decisão e trate você com dignidade. Mas se isso não acontecer, não se acomode, pois há muitos meios para a recuperação de sua dignidade.

O primeiro deles é a decisão de quebrar o silêncio, após admitir que é vítima de violência. Comece buscando ajuda de pessoas próximas. Se não for possível, procure o Ministério Público (Promotor) – presente em quase todas as cidades. Se não houver Ministério Público, procure a Polícia. Se não conseguir, procure a Ordem dos Advogados ou qualquer advogado na cidade. Provavelmente, ele não ficará omissos diante de sua necessidade. Se ainda assim não conseguir, busque auxílio de uma pessoa pública e que possa ajudá-lo: pastor, padre, líder comunitário. Em casos extremos, procure todos de uma só vez.

Quem desperta para a necessidade de uma vida digna não pode desistir. A violência não pode ser aceita por ninguém. Seja criança, idoso, mulher, portador de necessidades especiais ou um homem, ninguém precisa se submeter ao agressor. Essa luta é de todos e não só das vítimas.

Há suficiente legislação para justificar quaisquer atitudes contra a violência. Não há uma agressão sequer que não seja proibida por lei. Portanto, resta a busca do elo entre a lei e a efetiva cessação dos atos violentos. Esse elo só pode ser formado se ninguém ficar omissos. Violência é problema de todos. Esse elo depende de uma postura ativa da vítima, e a atitude mais importante e primordial é a procura de ajuda, pois a maioria das violências existe sob o manto do silêncio e da discrição, a expensas de um coração angustiado, em constante tortura.

Não tenha medo nem receio de conquistar sua dignidade ou ajudar o próximo nesse desafio. Ela é assegurada pela lei dos homens e pela Lei de Deus, mas há um elo que pende de cada um que está diante da violência. ■

Luigi Braga é advogado em Brasília.



Foto: Shutterstock

*Se você precisar de ajuda ou orientação,  
use os sites, endereços e telefones abaixo:*

- [www.promenino.org.br](http://www.promenino.org.br)
- [www.observatoriodainfancia.com.br](http://www.observatoriodainfancia.com.br)
- [www.unicef.org/brazil](http://www.unicef.org/brazil)
- [www.cecria.org.br](http://www.cecria.org.br)
- [www.bemquerermulher.com.br](http://www.bemquerermulher.com.br)
- [www.unifem.org.br](http://www.unifem.org.br)
- [www.enditnow.org.br](http://www.enditnow.org.br)

**Disque Denúncia  
180**

Central de  
Atendimento à Mulher

**Por e-mail**

Outra forma de  
denunciar com sigilo,  
diretamente à Sedh.  
[disquedenuncia@sedh.  
gov.br](mailto:disquedenuncia@sedh.gov.br)

**Delegacia da  
Mulher**

Ligue para o telefone  
mais próximo de sua  
residência

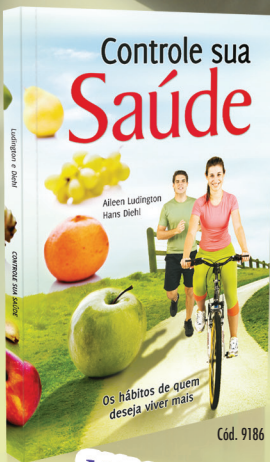
**Disque 190**

Há casos em que  
a ação deve ser  
imediate.

Chame a polícia, antes  
que o pior aconteça.

# Cuide bem da mente e do corpo

Aqui não faltam informações para você viver bem!



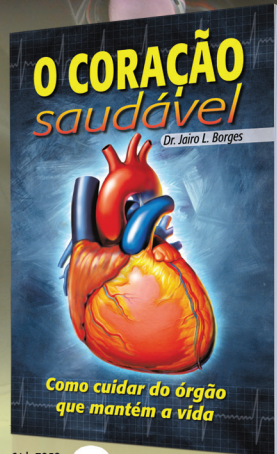
Cód. 9186

Hábitos de quem deseja viver mais



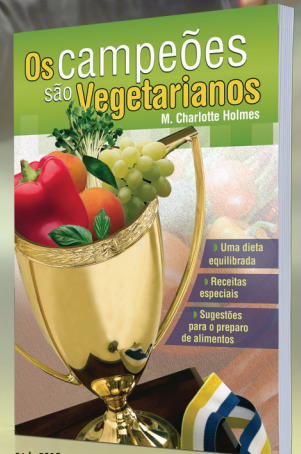
Cód. 9184

Soluções espirituais para renovar sua vida



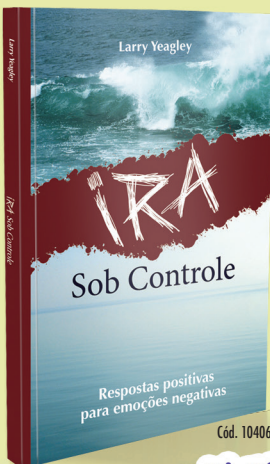
Cód. 7952

Como cuidar do órgão que mantém a vida



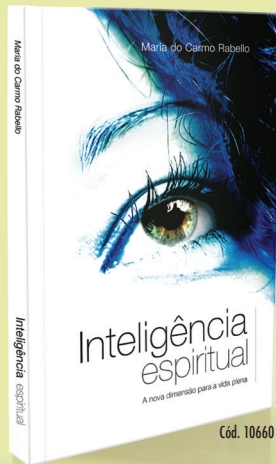
Cód. 5018

Como ter uma dieta equilibrada e preparar alimentos saudáveis



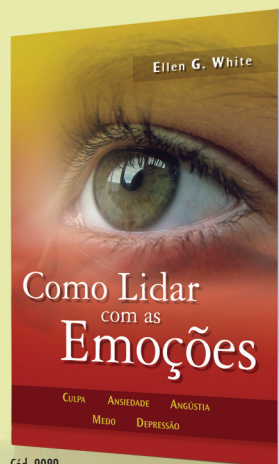
Cód. 10406

Respostas positivas para emoções negativas



Cód. 10660

A nova dimensão para a vida plena



Cód. 9089

Aprenda a lidar com suas emoções. Culpa, ansiedade, angústia, medo, depressão...



Cód. 8472

Prevenção, tratamento e proposta de cura em 20 semanas

Para adquirir, ligue: 0800-9790606\* ou acesse: [www.cpb.com.br](http://www.cpb.com.br).  
\*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h / Sexta, das 7h30 às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h.



# Chega de violência!

*Esse é o grito abafado de milhões de vítimas de abuso físico, psicológico e econômico. O clamor vem de crianças indefesas, mulheres sofredoras e idosos fragilizados. Diante desse quadro, muitos são tentados a perguntar como Castro Alves:*

*“Deus! Oh, Deus! Onde estás que não respondes?”*

*Essa pergunta é injusta, pois Deus não é surdo nem mudo. Ele ouve e responde por meio de nossas iniciativas e ações em favor dos que têm medo de quebrar o silêncio.*

*Participe da campanha “Acabe agora com isso”, para que a luz da esperança brilhe no coração das vítimas da violência.*

